

PLOTINO

A alma no tempo

Carlo Bússola



<http://groups.google.com/group/digitalsource>



**Reitor da
Universidade Federal do Espírito Santo**

Rômulo Augusto Penina

**Diretor da
Fundação Ceciliano Abel de Almeida**

Agostinho Merçon

Diretor Adjunto
Guilherme Rody Soares

Conselho Editorial

Aci Nigri do Carmo
Carlo Bússola
Elfried Orssich Slavetich
Enyldo Carvalhinho
James Valério Rampazzo
Luiz Gonzaga de Oliveira
João Manoel Cardoso de Almeida
Maria Nader Simões
Maria Rosiani Dorieto de Menezes
Maurício José da Silva
Roberto Almada
Olga Albert

Editor:

Enyldo Carvalhinho Filho

Revisora:

Mareia Ciarallo Pescuma

PLOTINO

A alma no tempo

Carlo Bússola

Doutor em Filosofia pela Universidade de Roma

Professor de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo

Copyright © 1989 by Carlo Bússola

Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução no todo ou em parte deste livro, por qualquer meio, sem
autorização do autor

1ª edição, 1990

Capa: *Sagraf Informática Ltda*

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica e Fotolito: *Sagraf Informática
Ltda* Vitória - ES Tel.: (027) 223-1620

Impressão: *Sagraf Artes Gráficas Ltda* Vitória - ES Tel.: (027) 223-1377

Catálogo na Fonte (Sagraf Informática Ltda - Vitória - ES)
Bússola, Carlo, 1925 -

Plotino: a alma no tempo / Carlo Bússola. ____
FCAA : Vitória - ES, 1990.

1. Plotino - Ensaio Filosófico. 2. Filosofia. 3. Filosofia Esotérica
(Misticismo). I. Título.

CDU: 101 (042.3) 101 101.33

FUNDAÇÃO CECILIANO ABEL DE ALMEIDA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Campus Universitário Alvor de Queiroz Araújo
Goiabeiras - 29.000 - Vitória

“Os deuses devem vir a mim, não eu a eles”

Plotino

(Enéades)

PREFÁCIO

O objetivo de nosso trabalho é apresentar o filósofo Plotino, situando-o em seu tempo, valendo-nos do legado da História.

Num segundo momento, tentamos detectar o desenvolvimento, a reinterpretação, a releitura, ou a revivência do pensamento plotiniano nos dias atuais. Para tal, debruçamo-nos sobre as filosofias esotéricas que perduraram até nossos dias, as quais, contrariando o realismo sobre o materialismo, herança aristotélica, resgatam o mais puro idealismo espiritualista do neoplatônico Plotino.

Dentre as filosofias esotéricas que desenvolveram o pensamento plotiniano, e ainda hoje, o seguem, a saber, os Templários, os Martinistas, os Pitagóricos, certas correntes gnósticas, as correntes espiritualistas da Maçonaria e poucas outras, destacamos a que, a nosso ver, mais tem em Plotino a fonte de sua filosofia: a Ordem Rosacruz.

Esperamos que este livro auxilie os estudiosos de Filosofia, dada a lacuna ostente no campo editorial brasileiro acerca da bio-bibliografia de Plotino.

O autor agradece ao Editor Enyldo Carvalhinho Filho e à professora Márcia Ciarallo Pescuma pela revisão de língua portuguesa já que ele é italiano naturalizado brasileiro.

ÍNDICE

1 - Introdução.....	11
2 - As fontes para escrever este ensaio.....	11
3 - Importância de Plotino.....	12
4 - O ambiente histórico e cultural.....	13
4.1 - A situação política.....	14
4.2 - Situação económica.....	15
4.3 - Situação cultural.....	16
4.4 - A organização do Cristianismo nessa época.....	21
4.5 - Situação religiosa.....	23
5 - Vida de Plotino.....	25
6 - As obras de Plotino.....	29
7 - Introdução à filosofia de Plotino.....	36
8 - O Uno; o Intelecto; a Alma; a ideia central da filosofia de Plotino.....	37
9 - A influência da filosofia de Plotino.....	49
9.1 - Em Roma.....	49
9.2 - No império romano do oriente.....	51
9.3 - Os padres da igreja.....	54
9.4 - No ocidente.....	54
10 - Ponto de contato entre a filosofia de Plotino e a filosofia da ordem Rosacruz (AMORC).....	56

1. INTRODUÇÃO

Neste século de materialismo imperante, quando a "iniciação à matéria" é um programa estabelecido por muitos grupos sociais, e as múltiplas doutrinas materialistas se impõem confundindo a mente das novas gerações, quando existem pessoas que propositadamente confundem os autênticos valores humanos para desvirtuá-los, quando até instituições religiosas dão mais valor ao mundo material e transitório do que ao mundo permanente da Divindade, quando a filosofia é sinónimo de alienação, nada melhor do que apresentar a vida e as ideias de um homem que viveu no período mais difícil do Império Romano, quando Roma era a capital de todos os vícios e de todas as luxúrias: Plotino, um homem que se impôs ao respeito de todos, do mais abjeto dos romanos, até o Imperador; Plotino, um homem apaixonado pela Divindade, sem no entanto pertencer a nenhuma religião institucionalizada; um homem livre, porque liberto de qualquer condicionamento económico e político; livre porque ninguém conseguiu arrebanhá-lo, já que vivia constantemente em busca da verdade — um eterno discípulo na senda do conhecimento místico.

2. AS FONTES PARA ESCREVER ESTE ENSAIO

A principal fonte para escrever este ensaio foram as ENNEADES, tradução completa para a língua francesa feita por E. Bréhier e editada em Paris pela sociedade "Les Belles Lettres" em 7 volumes, de 1924 a 1938. F.M. Sciacca, em sua obra "La Filosofia nel suo sviluppo storico" (Roma, 1941), menciona-a como a melhor edição. A Enciclopédia Britânica no verbete "Plotino" diz que "The edition of E. Bréhier though the text is poor, is valuable for its admirable notes and introductions to the several treatises". Não posso criticar o comentário da Enciclopédia Britânica, mas tendo estudado o grego por seis anos, como se fazia na minha época, me parece que realmente a tradução de Bréhier é muito boa e fiel ao texto original.

A Editora Laterza (Bari, Itália) publicou em 4 volumes a tradução completa das Enéades, por obra de V. Cilento (1947-1950), grande conhecedor do grego clássico. Digno de nota é também o trabalho de C. Carbonaro: "La Filosofia di Plotino", em dois volumes, publicado em Roma pela Editora Perrella, em 1938-1940.

Como complementação para um estudo do pensamento de Plotino são úteis os seguintes livros: "La Sagesse de Plotin", de M. Condillac (Paris, 1952); "La Purification Plotinienne", de J. Tronillard (Paris, 1955); "Plotin, ou la simplicité du regard", de P. Haddot (Paris, 1963).

A bibliografia completa, incluindo toda a vasta literatura sobre Plotino, até o ano de 1949, pode ser encontrada em "Bibliografia critica degli studi plotiniani", de B. Marien (Bari, Itália, 1949).

3. IMPORTÂNCIA DE PLOTINO

Quando a Editora Abril lançou a 2ª edição da Coleção "Os Pensadores", escrevi ao editor-chefe pedindo que publicasse ao menos parte das Enéades de Plotino. Respondeu-me com uma carta muito educada em que deixava claro que não havia espaço para Plotino. No entanto, naquela coleção, há espaço para alguns, não filósofos, e outros, não pensadores que todavia se interessaram pelo mundo material e escreveram acerca deste, o que foi bastante para que encontrassem lugar ao lado de filósofos e pensadores. Plotino não viveu para o corpo, nem para o mundo material, pois ele transcende essas coisas passageiras, procurando desvendar e entender aquilo que é eterno, tanto no universo como no homem. Plotino não pode ser enquadrado em nenhum movimento de esquerda, nem de direita, nem de centro. Ele está acima disso tudo; por isso é-lhe difícil encontrar editores. Até hoje nenhum editor brasileiro publicou suas obras completas. As editoras cristãs se desculparam dizendo que não têm interesse por um livro (As Enéades) pagão; as editoras leigas dizem que ele tinha um espírito demasiado cristão (religioso); e as editoras de esquerda dizem que era um alienado. Mas o problema não é das editoras; o problema é que somente uma elite, um grupo restrito poderia ler e entender alguns de seus tratados, sentindo a alma vibrar.

Foi para essa elite que aceitei escrever este opúsculo; a elite composta por todos aqueles que, embora dando o devido valor às coisas materiais, não querem, todavia, parar na senda que os leva aos mais altos cumes do entendimento — lá onde se encontram os valores eternos. Talvez tenha sido por causa disso que a Enciclopédia Britânica asseverou ser a filosofia de Plotino "ainda viva e atual neste século **XX**", e parece que continuará a sê-lo, pois seus escritos contém um extraordinário poder de inspirar uma nova visão do mundo, de levantar as mentes dos homens aos valores eternos encorajando uma moral viril extremamente válida nestes tempos precários" (Verbete "Plotino", em Enciclopédia Britânica). É por isso que os maiores santos da Igreja Católica, Santo Agostinho, São Basílio, São Gregório Nazianzeno e Níseno, Dionísio Aeropagita e os chamados "Padres da Igreja", foram muito influenciados pela doutrina filosófica de Plotino. Também os grandes místicos da Idade Média: Boécio, Scotus Erígena, São Boaventura, e alguns outros, estudaram as Enéades. Isso era comum até quando Santo Tomás de Aquino (século XIII) introduziu no mundo eclesiástico a filosofia de Aristóteles: uma filosofia mais voltada para o mundo real, humano e material. Depois que Marsílio Ficino (Florença: 1433-1499) traduziu o texto grego das Enéades para o latim (1492), houve também filósofos renascentistas que cultivaram o pensamento de Plotino; além do próprio Marsílio Ficino, encontramos Nicolau de Cusa, Giordano Bruno e a chamada Escola Platônica de Cambridge, no século XVII; e, na época moderna, o Idealismo Romântico Alemão, representado por Schelling e outros.

Toda essa elite de filósofos-místicos encontrava em Plotino tanto a justificativa da mortificação dos instintos irracionais para alcançar uma purificação dos sentidos, como uma ascensão ao Uno, pela prática das artes e da Filosofia. Pelas artes, e sobretudo pela música, Plotino dizia que o homem se aproxima da "harmonia inteligível" — aquela que se refere à Inteligência divina, onde o tempo é substituído pela eternidade. Pela Filosofia atinge-se a contemplação racional capaz de produzir a intuição intelectual, o êxtase, a partir do qual se dá a união com o Uno, que é o Sumo Bem.

Mas sobretudo há um grupo de pessoas para as quais a filosofia de Plotino é de grande importância: são os membros da Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis (AMORC), pois há muitos pontos de coincidência entre a filosofia destes e a filosofia de Plotino. Em "Perguntas e Respostas Rosacruz" (1-ed., 1975, p. 61/62), o Dr. Spencer Lewis recomenda a leitura das obras de Plotino para assim melhor entender a filosofia da AMORC.

Porfírio nos relata uma passagem interessante da vida de Plotino. O filósofo não era membro de nenhuma religião específica; os princípios filosóficos do neo-platonismo lhe bastavam, tanto para a inteligência, como para a vida moral e espiritual. Um dia, Amélio quis levar Plotino para fazer um sacrifício aos deuses. Plotino respondeu: "Os deuses devem vir a mim, não eu a eles!" Amélio e os discípulos que escutaram o que ele havia dito ficaram impressionados com "tão tremendas palavras" e, evidentemente, não entenderam nada e nem se atreveram a perguntar-lhe sobre seu sentido.

Todavia, para o Rosacruz que já realizou "a primeira iniciação de Templo", tais palavras de Plotino não contêm nenhum mistério, uma vez que na iniciação é-lhe prometido que as mais altas Inteligências (Plotino disse: "Os deuses") estarão ansiosas para obedecer aos seus desejos e todos os quatro elementos (ar, água, terra e fogo) se considerarão felizes em satisfazer a sua vontade, conquanto seu motivo seja sempre divino, desinteressado e construtivo. Plotino — nos testemunha Porfírio — vivia para ajudar os outros: distribuía tanto suas luzes intelectuais como todos os seus recursos económicos.

Quanto à música que Plotino usava para meditar e para iniciar suas aulas, era aquela de Pitágoras: a mesma que os Rosacruz usam em suas reuniões, feita de sons vocálicos, cuja função é despertar emoções psíquicas através de emoções físicas.

4. O AMBIENTE HISTÓRICO E CULTURAL

Plotino viveu numa época tumultuada em todos os campos da vivência humana. Uma época de transição entre velhos valores que se tornavam obsoletos e novos valores ainda não estruturados e não amadurecidos. Uma época de vazio político, económico, cultural e religioso.

4.1 - A Situação Política:

No fim do século II, pouco antes de Plotino nascer (204 d.C), o Império Romano começa a desarticular-se, caindo numa profunda desordem política. Em janeiro de 193 d.C, é assassinado o Imperador Cómodo e, em seu lugar, é eleito Pértinax, que é logo assassinado e substituído por Dídio Giuliano (março), também assassinado (junho) e substituído por Lúcio Septímio Severo, um africano de origem fenícia: um notável Imperador que, em 211, conseguiu morrer de morte natural, em sua cama; em seu lugar é eleito Caracalla, um bárbaro, que só apreciava caçadas e guerras e, sobretudo, a companhia de gladiadores e dos soldados. Em 212, mandou assassinar o irmão, por medo que lhe roubasse o trono. Deixou a administração do poder civil com sua mãe, para ocupar-se de guerras. Foi assassinado em 217 e substituído por Macrino que, em 219, foi substituído por Heliogábalo, também assassinado apunhalado numa latrina, em 222, e substituído por seu primo Alexandre Severo, homem culto — o que representava uma raridade para a época — e religioso. Ele afirmava que todas as religiões eram apenas diferentes formas de adoração de um único Poder Supremo. Em seu palácio, havia uma Capela com as imagens de Júpiter, de Orfeu, de Apoio de Tiana, de Abraão e de Jesus Cristo. Sua mãe favorecia aos cristãos e particularmente a Orígenes (o grande amigo de Plotino), que frequentemente o convidava para que lhe explicasse algum ponto de teologia. Mas em 235 foi morto por ser um homem muito sério e muito santo; foi eleito C. Júlio Maximino, um homem inculto e ignorante que foi logo assassinado pelas tropas e substituído por Máximo e Balbino, que foram assassinados pelos pretorianos...

Nestes poucos anos que vão de 235 a 257, foram eleitos 37 Imperadores, todos eleitos e assassinados pelas tropas.

Em 257, foi eleito o Imperador Aureliano, que teve de enfrentar o maior problema sócio-político-militar de todos os tempos do Império: as invasões de povos chamados bárbaros por serem "tão atrasados que não sabiam raspar a barba". Em 254, os narcomanos invadiram a Panônia e o norte da Itália. Em 255, os godos entraram na Dalmácia e na Macedônia, enquanto que os citas invadiram a Ásia Menor, e os persas invadiram a Síria. Nessa época, Plotino tinha pouco mais de 50 anos.

Em 257, os godos capturaram todas as cidades do Mar Negro; os persas conquistaram a Arménia, e os povos da Gália se sublevaram massacrando as guarnições romanas. Em 259, os alemães invadiram o norte da Itália. Em 263, os godos invadiram a costa jónica. Em 267, os sármatas subjugaram todo o Oriente próximo que pertencia ao Império Romano. Em 269, os godos se uniram aos sármatas... Uma situação caótica e desesperadora, sobretudo tendo-se presente que os soldados componentes das legiões romanas eram mercenários.

O Imperador Valeriano morreu em 260 lutando contra os persas e, em 270, o Imperador Cláudio II morreu de uma moléstia endêmica. Nesse mesmo ano morreu também Plotino, depois de ter assistido ao mais longo e tempestuoso período da história romana, vivendo e filosofando naquela cidade de Roma onde repercutiam todos os acontecimentos da época.

4.2 - Situação Económica:

A anarquia política do Império Romano produziu a sua desintegração económica num país onde as terras nunca haviam conhecido a abundância.

Sabemos que os grandes fornecedores de trigo para Roma, para a Itália e para o Império de forma geral eram o vale do Beqáa, no Líbano (Fenícia), a África do Norte e a Sicília. Juntamente com a escassez de trigo (nessa época em que Plotino viveu), os agricultores queixavam-se das altas taxas de juros que consumiam todos os seus ganhos; queixavam-se também de que o governo imperial não mandava abrir canais para a irrigação e para acabar com os inúmeros brejos que eram focos de malária. Como não eram atendidos, grande número de agricultores trocava o campo pela cidade de Roma, ocasionando assim a formação de latifúndios, os quais ficavam improdutivos, porque não havia escravos para cultivá-los; com efeito, as iropas quedavam-se exaustas da guerra — e não tendo guerras (vitoriosas), não havia escravos. Mas, pela metade do terceiro século, quando Plotino tinha cerca de 50 anos, com o começo das invasões dos bárbaros e com os tumultos na cidade de Roma, muitos donos de terras passaram a viver em suas casas de campo (que em língua latina era chamada "villa"), que era fortificada com grossas paredes e com a vigilância de escravos armados — um fenómeno histórico que dá início à formação dos castelos medievais.

Nessa época, Plotino pensou em fundar, fora de Roma, nos campos, uma cidade para filósofos, que deveriam viver segundo as leis traçadas por Platão no seu "A República". O Imperador Galieno e sua esposa chegaram a considerar seriamente o projeto; mas seus conselheiros, mais práticos do que leóricos, dissuadiram-no.

Por essa época, em Roma e na Itália, a luta de classes tornava-se sempre mais violenta, e o exército, recrutado nas províncias mais pobres, saqueava e roubava os ricos.

Também nessa época as minas de ouro, da Trácia, e de prata, da Espanha, começaram a escassear, e os Imperadores, de Septímio Severo em diante, quebraram o padrão da moeda para superar as despesas do Estado. Com Nero, o teor de liga do denário era de 10%; com Cómodo, subiu a 30%; com Septímio Severo, subiu a 50%; uma inflação demasiado grande. Caracalla projetou o "plano cruzado" da época e substituiu o "denarium" pelo "antonianus", que tinha apenas 50% de prata.

Já no ano 260, dez anos antes da morte de Plotino, aqueles 50% estavam reduzidos a 5%! Os Imperadores mandavam emitir dinheiro em quantidades astronômicas, porém o dinheiro não tinha nenhum valor. Por isso, os Imperadores exigiam que o povo aceitasse esse dinheiro pelo seu valor nominal, mas pagasse os impostos em outro, ou em espécie. Devido a esse fator, a inflação e a flutuação dos preços estavam fora de controle. Na Palestina romana, neste mesmo período, os preços subiram mil por cento. No Egito, a medida de trigo que, no primeiro século, custava oito dracmas, no fim do terceiro século, já era comprada por 120.000 dracmas.

Uma economia tão arruinada, além de não estimular nenhuma empresa, causou a decadência da indústria e do comércio, contentando-se com pequenas produções para o consumo local. Com a pobreza, crescia o número de bandidos e ladrões. O grande número de crianças às quais Plotino providenciava um pão era a consequência de um desastre econômico tão vasto quanto o mesmo Império.

4.3 - Situação Cultural:

Apesar da terrível situação política e econômica, foram desenvolvidos, nessa época, aspectos importantes da cultura.

Quanto à **Aritmética**, Diofanto de Alexandria escreveu, no ano de 250, um tratado de Álgebra, que chegou até nós. Nele, resolve equações determinadas de 1º e 2º grau, e equações indeterminadas até o 6º grau. Com ele começou o desejo de se reduzirem a fórmulas todas as relações quantitativas. Fato curioso: Diofanto usava o "sigma" do alfabeto grego para marcar a quantidade desconhecida, que nós hoje simbolizamos com a letra "x".

O **Direito** também progrediu muito nessa época. O Imperador Adriano, o mais culto e o mais "viajado" de todos os Imperadores romanos (à exceção, talvez, de Marco Aurélio), por estar familiarizado com todas as culturas do Império, aproveitou o que de melhor havia encontrado para introduzi-lo na legislação romana.

A legislação romana nunca se cristalizou num código fixado, consistia mais em diretrizes que não impediam a mudança da evolução da jurisprudência.

Foi assim que o Imperador Antonino — um filósofo estóico — decretou que casos duvidosos fossem resolvidos em favor do acusado, pois um homem devia ser considerado inocente até provar-se sua culpa. Era o reconhecimento do "direito da pessoa humana", que mais tarde será desenvolvido por Papiniano (morto em 212), por Paulo (morto em 219), e por Ulpiano, que faleceu em 228; Papiniano, Paulo e Ulpiano apareceram na época de Septímio Severo (um africano de Leptis Magna, que foi Imperador de 193 a 211), e são considerados os três grandes luminários da "Lex Romana". Foram os primeiros a defender os escravos por considerá-los seres livres por natureza, e

foram também os primeiros a defender a igualdade dos direitos das mulheres **em** relação aos direitos dos homens. Os trabalhos desses três grandes juristas (particularmente de Ulpiano) foram incorporados, quase na íntegra, ao Digesto de Justiniano.

Quanto às Artes, nessa época não houve grande desenvolvimento: faltava a paz exterior para uma grande inspiração interior.

A **Pintura** conservou aquela forma dura, sem movimento — como a de Pompéia —, faltando-lhe traços suaves.

A Escultura, todavia, floresceu muito, porque Imperadores e nobres queriam deixar para a posteridade a lembrança de seus rostos. Do ponto de vista artístico, essas esculturas revelam segurança técnica, embora também não tenham a graça do helenismo, como podemos observar nos relevos do arco de Septímio Severo, em Roma.

Apesar de ser a escultura do rosto relativamente comum, Plotino nunca se deixou retratar, e quando o discípulo Amélio lhe pediu insistentemente para posar, ele respondeu: "Você não acha que é bastante para mim levar com paciência esta imagem postiça com a qual a natureza me vestiu?!... e agora eu deveria permitir que desta imagem postiça ficasse uma outra imagem, duradoura, como se valesse a pena ser olhada? Ah... isso não!"

A **Arquitetura** continua a ser a expressão da força de Roma. São dessa época a obra colossal do Palácio Imperial, erguido por Septímio Severo, e os Banhos de Caracalla, hoje, as mais impressionantes ruínas de Roma, além das Termas de Diocleciano construídas pelo Imperador Maximiano, onde 3.600 pessoas podiam tomar banho de uma só vez (estruturas enormes, onde o conceito de quantidade material se sobrepõe ao conceito filosófico de abstração e de qualidade).

A **Literatura** dessa época quase não é relevante, embora as bibliotecas crescessem em tamanho e em quantidade de livros. Havia um pequeno grupo de mestres que gozavam de popularidade, mas não tinham ideias profundas capazes de transformar uma situação. Os autores que chegaram até nós são: Jâmblico, que tentou harmonizar o platonismo com a teologia pagã e por tal meio influenciou o Imperador Juliano (o "apóstata"); Diógenes Laércio, que reuniu num anedotário as vidas e as opiniões dos filósofos; Ateneu de Naucratis, autor de "Os sofistas à mesa", que nada mais é do que um diálogo sobre comidas, molhos, cortesãs e filósofos; Longino, que compôs um ensaio intitulado "Perihypsus" (sobre o Sublime); Lion Cássio, que, aos 55 anos, escreveu a história de Roma.

Fato interessante da Literatura dessa época é o aparecimento da novela romântica. Petrônio, em Roma, como Apuléio, na África, Luciano, na Grécia, e Jâmblico, na Síria, haviam desenvolvido o romance cómico que, todavia, era privado de qualquer vestígio de amor. A novela romântica mais relevante é

sem dúvida a "Aethiópica" (Contos egípcios), de Heliodoro de Emesa, que, pela primeira vez na história da Literatura, trata da castidade e da virgindade das moças (algo muito distante da mentalidade e do "animus" de Plotino!). No entanto foi esta novela que deu origem, ao longo dos séculos, a inúmeras imitações, inclusive à "Pérsiles Y Sigismunda", de Cervantes, e à história de Clorinda, na "Gerusalemme liberata", de Torquato Tasso.

Outra famosa novela de amor é "Dáfnis e Cloé", de Longus, composta provavelmente pouco antes de 270, ano da morte de Plotino.

Também do mesmo período é a novela "Pervigilium Veneris" (a véspera de Vénus), sem grande valor literário.

O que todavia merece especial atenção, nessa época, é a Escola de Alexandria. Quanto à cultura, é a Escola de Alexandria, no Egito, muito mais importante do que a mesma Roma.

Alexandria era uma cidade industrial (nos moldes da época), onde viviam representantes de todas as raças e de todos os cultos, imersos na cultura helenística. Na Escola de Alexandria, o célebre Filon (13 a.C, 42 d.C.) procurou interpretar o Velho Testamento à luz da filosofia grega, tendo sido o primeiro a fazê-lo, dentre todos os exegetas. Com ele nasceu a "interpretação alegórica", que consiste em se buscar uma significação mais profunda que a simples significação literal. Por esse meio, a religião popular nacional, com seu Olimpo cheio de deuses e deusas, era interpretada pelos estóicos com a finalidade de oferecer às pessoas mais cultas uma simbologia da mesma. Santo Agostinho, quatrocentos anos mais tarde, usará desse método para explicar e interpretar o Novo Testamento, no qual se encontra a célebre frase, que já foi de Filon: "haec Sunt per allegoriam dicta" ("estas coisas foram ditas por alegoria").

Outro importante filósofo da Escola de Alexandria foi **Panteno**, um estóico convertido ao cristianismo que, no segundo século, dará continuidade às doutrinas de Filon. Depois dele, o grande **Clemente de Alexandria** (150-215), mestre de **Orígenes** (185-254), que por sua vez foi amigo íntimo e mestre de Plotino (204-270). Orígenes, além de amigo, será sempre considerado por Plotino como mestre, apesar de decorrerem entre os dois apenas dezenove anos e ser Orígenes cristão, contrariamente a Plotino.

A característica dessa escola filosófica é a GNOSE.

Entendia-se por "gnose" um conhecimento superior, um aprofundamento cognitivo e intelectual da doutrina, concedido ao estudante por intuição espiritual, ou, como outros diziam, por revelação interior.

Para entender retamente o pensamento filosófico de Plotino é necessário conhecer o pensamento filosófico da Escola de Alexandria, cujo mestre principal era Clemente.

Clemente escreveu uma série de anotações filosóficas, sem coerência interna, a que chamou "Strómata" (Tapeçaria), onde procura mostrar que somente o cristão realiza o ideal do gnosticismo.

Segundo Clemente, os filósofos alcançaram a verdade por si mesmos, inspirados por Deus, pois existe um só conhecimento natural de Deus, tomando Pitágoras e Platão como exemplo. Mas o cristão, de acordo com Clemente, está numa situação melhor, pois em lugar de um conhecimento natural de Deus, ele tem um conhecimento pela fé ("pistis", em grego). A fé apresenta as teses; a filosofia oferece meios para alcançar a significação profunda das teses. Por isso, a filosofia deve estar a serviço da fé.

É essa concepção de filosofia subordinada à teologia que Plotino nunca aceitará. Porém, a importância de Clemente para Plotino está no fato de considerar a vida do homem uma busca incessante da Divindade: é isso que torna o homem um "ser divinizado".

Clemente foi o primeiro filósofo e teólogo cristão a usar o verbo "divinizar" ("theopoiéo", em grego) com referência ao homem. Esta divinização tem seu ponto mais alto na contemplação. Plotino aceitou imediatamente essas verdades que recebeu por intermédio de Orígenes.

Uma dúvida acompanhou Plotino ao longo de sua vida: como, nesse processo de contemplação — conhecimento intuitivo e divinização — são necessários um livro sagrado e uma hierarquia? (que começaria a ser implantada por Inácio, bispo de Antioquia e Clemente Romano, bispo de Roma).

Plotino não achava necessário tornar-se cristão para ser divinizado, uma vez que todos os seres são, em última análise, emanções da Divindade — e portanto já são divinizados.

O grande luminar da Escola de Alexandria é **Orígenes**: homem dotado de capacidade extrema tanto de raciocínio como de retórica. Por esse motivo, já aos 18 anos, foi destinado a explicar a teologia cristã aos catecúmenos de Alexandria. No prazo de poucos anos estava sendo convidado como teólogo-filósofo e orador em vários lugares da África, Palestina, e, por último, em Roma. Por seu precoce brilhantismo, grande foi a inveja de seu bispo, o qual chegou a excomungá-lo.

O historiador Eusébio diz que o clero e o bispo de Alexandria não suportavam a sabedoria de Orígenes. Com efeito, Orígenes tinha uma alma cristã vestida de filosofia grega. Há uma carta de São Gregório (o taumaturgo) bispo de Neocesária, mais ou menos do ano de 250 (Plotino tinha 46 anos) agradecendo a Orígenes (já com seus 65 anos de idade) pelas aulas de Dialética, Matemática, Geometria, Astronomia, Ética, História do Pensamento das várias Filosofias, e finalmente, de Sagrada Escritura — aulas que duraram seis anos, na cidade de Cesaréia!

Depois do apóstolo Paulo (cujas igrejas por ele fundadas foram destruídas ou abafadas, primeiro, pelo seguidores de São Pedro e São Tiago, e, em 68, pelos seguidores de São João Evangelista), Orígenes conseguiu dar ao cristianismo nascente uma visão universalista e, fundamentando-o na fé assistida pela razão, pois até então o cristianismo fundamentava-se somente na fé e na emocionalidade; e foi esta última um dos motivos que sempre afastou Plotino do cristianismo, apesar de ter a mais alta admiração por Orígenes, o qual, quando em Roma aparecia às aulas de Plotino, este suspendia as aulas, levantava-se e cumprimentava-o, apontando-o como "o sol que apareceu".

Plotino não somente aceitava o núcleo das ideias filosóficas de Orígenes, mas, sobretudo, procurava imitar-lhe o modo de viver. Orígenes jejuava muito; dormia pouco e no chão; andava descalço; sujeitava-se ao frio e, no fim, emasculou-se. Era evidente que Orígenes era um neo-pitagórico, um platônico e um gnóstico fundidos num devoto cristão. Orígenes havia estudado a fundo Amônio Sacca — o que também Plotino faria.

Para Orígenes, o Deus de Moisés torna-se, portanto, o Primeiro Princípio de todas as coisas, e Jesus Cristo não seria o homem descrito pelos evangelistas sinóticos, e sim o "logos", o "Nous", a "Inteligência" de Deus que organiza o mundo (ideia que já está implícita no evangelho de São João). Plotino o afirmará exatamente da mesma forma, deixando de lado o aspecto antropomórfico da pessoa humana de Jesus.

Orígenes, como Plotino, acredita que a alma passa por uma sucessão de fases antes de chegar a Deus. Para ambos, o fim deste mundo será apenas o fim "deste" atual mundo, porque depois virá um outro mundo, e mais outro, numa sequência sem fim, como na filosofia védica, a qual considera o mundo como "expressão material" da Divindade (teoria que será retomada e desenvolvida por Spinoza e outros filósofos rosacruz).

Em 254, Orígenes morreu. Viveu e morreu numa pobreza extrema, aos 69 anos. Plotino tinha então 50 anos, e estava na plenitude de seu trabalho intelectual.

No ano de 400, o Papa Anastácio condenou como "blasfêmias" as opiniões de Orígenes; e, em 553, o Concílio de Constantinopla o excomungou — num ato de extrema ignorância, porque é doutrina católica que a excomunhão só se aplique ao "homo viator" aqui na terra, e não àquele que está (ou não está) no céu. Porém, do ponto de vista católico-romano, apenas importavam a ordem, a disciplina e a obediência: por isso não se admitia que um cristão católico pensasse individualmente e por si mesmo. Apesar disso, sabemos que todos os sábios cristãos dos séculos seguintes a Orígenes aprenderam muito com ele e muito recorreram à sua obra filosófica e teológica. Não podia ser diferente, se no VI Concílio Ecumênico, em 621, os bispos confessaram-se "bárbaros e ignorantes das letras e das ciências"; sabemos também que

Eusébio, na "Vida de Constantino" (III, 21) diz que o Imperador advertia insistentemente os bispos que "não fossem ciosos uns dos outros e que suportassem os que lhes eram superiores em sabedoria e eloquência, e que considerassem o mérito de cada um como glória de todos".

É evidente que Plotino, por cultura e formação moral, não podia juntar-se a um rebanho guiado por homens de formação tão precária, ainda mais se considerarmos como era organizado o cristianismo nessa época.

4.4 - A organização do Cristianismo nessa época:

No primeiro e no segundo séculos da nossa era, o cristianismo estava tão absorvido na expectativa da volta de Jesus ("Marán-ata": "o Senhor nosso vem!"), que ninguém pensava em organizar-se. Esperavam os cristãos : voarem com Cristo, nas nuvens, para o céu", conforme a expressão de São Paulo. Como Cristo não voltasse, resolveram organizar-se como instituição. Em meados de 200 e 205 (quando Plotino nascia), a "imposição das mãos" na cabeça do balizado, tomou a forma da atual ordenação sacerdotal com a qual os bispos assumem o controle efetivo e decisivo dos cristãos.

Bispo ("Episcopos", em língua grega) era, no começo, o supervisor, o vigia, o zelador, o contínuo, que tomava conta tanto do local onde os cristãos se reuniam, como das escrituras chamadas sagradas, porque se referiam à nova religião: os evangelhos e as cartas dos apóstolos. Seu símbolo era a vassoura de cabo comprido, que servia tanto para a limpeza como de vara de correção... e que às vezes se precisasse de correção, as cartas de São Paulo no-lo indicam claramente. Logo em seguida, o cabo de vassoura se transformou no "baculum", o cajado do pastor que toma conta de suas "ovelhas" — mudando assim não só de forma, como também de sentido.

Ovelhas não faltavam, pois eram muitos os convertidos que vinham da plebe.

No vazio moral do paganismo, ridicularizado pelos próprios sacerdotes pagãos (Cícero escreveu: "miror aruspex cum aruspice videret non rideret", 'muito me admiraria se um sacerdote não risse quando encontrasse um outro sacerdote'), na frieza humana do estoicismo e na corrupção em que o epicurismo havia se transformado, junto aos romanos, na opressão política e econômica de quase todos os Imperadores, o cristianismo trouxe uma nova onda de humanidade e de fraternidade, de decência e de tranquilidade interior. Todavia, os numerosos centros de cristianismo espalhados pelo Império interpretavam os ensinamentos de Jesus, cada um segundo a sua cultura e inspiração individual.

O gnosticismo, isto é, a procura de um conhecimento divino ("gnosis") por meios místicos (o que certamente não é heresia) constituía, no entanto, o maior rival do cristianismo entre as pessoas mais cultas. Havia também uma infinidade de seitas cristãs, como os Eucratitas, os Docetistas, os

Adopcionistas, os Modalistas, os Sabelianos, os Monarquistas, os Monofisítas, os Monotelitas, e muitos outros...Ireneu, em 187, colecionou 20 variedades de cristianismo, e Epifânio, em 384, contou 80!

Tal situação fez com que os bispos de Roma (cuja posição era muito respeitada por ser Roma a capital do Império) tomassem a iniciativa de reunir outros bispos e estabelecer uma sagrada-escritura-padrão, isto é, um Velho e um Novo Testamento oficialmente reconhecidos, e que fixassem uma doutrina oficial e organizassem uma autoridade eclesiástica.

Como a Igreja de Roma insistia em dizer que foi a sede de São Pedro, que lá morreu (o que até hoje não foi cabalmente provado, não obstante os esforços arqueológicos de Pio XII e Paulo VI), auto-proclamou-se "Ecclesia caput omnium ecclesiarum" ("igreja chefe de todas as demais igrejas").

Quando Plotino nasceu, em 204, era bispo de Roma Zefirino, que governou aquela comunidade cristã de 202 a 218. Era "homem simples e analfabeto", como escreveu Monsenhor L. Duchesne, em "Early History of the Christian Church" (London, 1933, 3 vol.; I vol., p. 215). Sucedeu-lhe Calisto, um homem totalmente incompetente, ao ponto de os padres nomearem um outro bispo: Hipólito. Mas Calisto, que apreciava o cargo, não quis renunciar. Roma ficou com dois bispos, isto é, dois "papas", até o ano de 235, quando Hipólito aceitou renunciar. O cisma, porém, renasceu em Cartago com o bispo Novato, e, em Roma, com Novaciano.

De fato, eram avanços e recuos e, sobretudo, muita desorganização, pelo fato de que, até então, ninguém tinha certeza de nada, faltavam diretrizes. Essa desorganização, juntamente com uma doutrina ainda em formação, deve ter provocado má impressão em Plotino que, nessa época, estava com cerca de 35 anos de idade.

Para organizar-se, a igreja de Roma tomou emprestado as formas e os costumes da Roma antiga, além das roupas para as cerimônias, como a estola, as vestes sacerdotais, o uso do incenso, da água benta para as purificações pessoais, dos círios, e, sobretudo, o culto aos mártires e aos santos, a arquitetura da basílica romana e, para o bispo, o título pagão de "pontífice máximo". Quando da morte de Plotino, a língua oficial da liturgia era o latim. Poucos anos mais tarde, quando os prefeitos romanos perderam tanto o poder como o cargo (sob o efeito das invasões bárbaras), os bispos de Roma e da Itália seriam a fonte de ordem e o centro do poder nas cidades.

Foi contra essa nova luxúria do poder que surgiu o monaquismo cristão, nascido no Egito, a pátria de Plotino.

Em 270, no ano da morte de Plotino, no Egito, o egípcio António dava início a uma vida de oração e solidão que se tornaria atração e exemplo para centenas de anacoretas, que somente em 325 o abade Pacômio haveria de reunir na abadia de Tabene (Egito), criando assim aquele impulso monástico

que irá influenciar, na Europa, São Benedito (o fundador dos monges Beneditinos, em 529) e, no Líbano, São Basílio (fundador dos monges orientais, em 356). A igreja de Roma, com seus padres e bispos, opôs-se vivamente ao monaquismo; acabou aceitando-o bem mais tarde.

O monaquismo não cristão, nem teológico, mas que em sua forma filosófica mais pura já havia sido praticado por Pitágoras e seus discípulos, sempre foi o ideal de Plotino, que, mesmo em meio a seus discípulos, vivia numa profunda solidão interior, em união com o Uno.

Plotino era convicto, tanto quanto os monges António e Pacómio e os demais anacoretas, que o "corpo é tanto o órgão como o cárcere da alma" e que "a alma sabe que é uma qualidade de uma Realidade mais alta do que o corpo e, por isso, ela sente afinidade com alguma Vida ou Poder Cósmico Criador; então, a alma aspira a juntar-se de novo a essa Realidade Suprema da qual parece ter saído nalguma catástrofe primordial"; "quanto mais desenvolvida é a alma, tanto mais persistentemente procura sua fonte divina", e acrescentava: "quando isto acontece, a alma vê a Divindade — porquanto lhe é permitido (...) e ver-se-á iluminada, cheia de luz intelectual; ou, antes, perceber-se-á como luz pura, leve, ágil, tornando-se Deus". (Enéades, VI, 9).

4.5 - Situação Religiosa:

Para dar a visão completa da época em que Plotino viveu, e assim ter a devida apreciação do seu trabalho, falta, por último, dar uma visão rápida da situação religiosa em sua época. A importância disso reside no fato de que, naqueles tempos, não havia ateus (o ateísmo é um sub-produto do cristianismo dogmático), e a religião constituía-se numa parte essencial da vida social e individual.

Pouco antes do nascimento de Plotino, no fim do primeiro século, notamos nas pessoas um medo, frequentemente confessado, de estarem à mercê de algumas "forças destruidoras" que se apoderaram tanto dos indivíduos como da sociedade. E por ninguém saber controlar essa situação psicológica, chegou-se à demolição do "culto do homem", que tinha sido o grande ideal do helenismo. Assim, as pessoas procuraram preencher esse vácuo espiritual pelo misticismo ou pela astrologia. Por essas duas portas, entraram, no mundo helénico e romano, as religiões orientais: o zoroastrismo, o judaísmo e o cristianismo, com a diferença, porém, de que o zoroastrismo e o judaísmo permaneceram religiões nacionais.

O mitraísmo (derivação do zoroastrismo) era a religião do exército permanente do regime augustano e dos marinheiros. Era uma religião de "mistérios" que incluía até a "comunhão" com a carne e o sangue de Mitra — mas nunca foi uma religião popular.

O cristianismo, além de ser uma espécie de sociedade de seguro de vida material e espiritual, para o povo humilde e para os escravos, tinha a

vantagem de aceitar também as mulheres — que certamente eram em número maior do que os homens. Outras grandes vantagens da religião cristã: o Deus dos cristãos era o Deus único e verdadeiro tanto dos judeus como dos zoroastrianos, com a diferença de que, no cristianismo, esse Deus era representado como estendendo sua mão e sua compaixão aos pobres, aos perseguidos, aos doentes, na pessoa de Jesus de Nazaré, o profeta que se sacrificou para a massa humana de abjetos.

Como o rei-mártir espartano Agis e o nobre mártir romano Tibério Graco, Jesus deu a sua vida para o bem do povo sem usar de violência, coro a vantagem de que Jesus não era aristocrata, mas filho de um pobre carpinteiro, e, como o Deus da vegetação Osíris-Adônis-Átis-Tamuz, Jesus vencera a morte por meio da sua ressurreição.

Estes fatos, embora pudessem parecer tolices aos olhos dos intelectuais helenistas, eram extremamente importantes para os escravos, para as mulheres e para o povo humilde em geral, que ainda alimentava uma religião agrícola pré-helênica. Como Augusto, Alexandre Magno e todos os Faraós, Jesus também era filho de um deus e de uma mulher humana, virgem, Maria, que bem cedo tomou o lugar de Ísis e Cibele, com o título de "theutócos" (grande mãe de Deus).

Com o cristianismo também continuou o culto aos mortos; porém, no lugar dos heróis da lenda, foram colocados os mártires cristãos que, de certo modo, substituíam o politeísmo greco-romano, preenchendo a grande necessidade da emocionalidade humana. Assim, o cristianismo podia ser confundido, inicialmente, com o monoteísmo judaico e tornar-se uma força irresistível para o povo, ainda mais que não adotou a língua de Jesus (o arameu), mas o latim.

Já no século II, os bispos de Roma começaram a esboçar uma organização administrativa mundial centralizada, tomando como modelo de sua estrutura aquilo que ainda existia, ao menos em teoria, do Estado helênico e do Império Romano.

O cristianismo pôde fazê-lo devido a que, no Império Romano, havia um grande espírito de tolerância: o politeísmo helenista incluía grande número de divindades etruscas, latinas e orientais; por isso, nenhum helenista se importava com a divinização de mais um Jesus de Nazaré. No final de tudo, apesar das grandes e numerosas perseguições, os cristãos venceram.

Venceram os cristãos pela constância e pelas conversões individuais, duas características que faltavam ao paganismo, ao judaísmo e ao zoroastrismo. A força do cristianismo estava toda no povo simples, nos "humildes" e nos escravos; noutras palavras, na grande massa.

Em 250 (Plotino tinha 46 anos), ocorreu a grande perseguição do Imperador Décio e, em 257, aquela do Imperador Valeriano, igualmente

drástica. A despeito das perseguições, em 303, na época do Imperador Galério, provavelmente pouco menos do que a metade dos súditos do Estado mundial era cristã.

Plotino morreu em 270, quando pelo menos um terço do Império era cristão. Todavia, Plotino nunca pediu o batismo, e nem o seu grande amigo, o cristão Orígenes, pediu-lhe que o fizesse.

5. VIDA DE PLOTINO

A biografia de Plotino foi escrita por seu discípulo Porfírio, rica em alguns detalhes, mas omissa em outros pontos que o leitor moderno gostaria de conhecer. Porém, o escrito de Porfírio é o único documento insuspeito que possuímos.

Em seus escritos, Porfírio atesta a grande virtude do mestre; sua vida santa, cheia de bondade, humildade e tolerância; um homem que possuía o dom da intuição e da adivinhação em grau elevado; um homem que, por considerar-se sobretudo e sumamente "alma", sofria por sentir-se aprisionado num corpo.

Pelo pouco (ou nenhum) valor que Plotino dava ao corpo, nunca falou sobre seus antepassados, seus pais ou sua terra natal, e se negava a posar para o pintor e para o escultor, respondendo a Amélio, seu discípulo (que tanto queria ter uma imagem sua): "...Não vale a pena perder tempo nisso!" E como nenhum amigo tivesse conseguido dobrar-lhe a vontade, Amélio conseguiu que o pintor Cartério participasse das aulas de Plotino para que, olhando para ele atentamente, pudesse gravar na mente as feições e os traços de seu rosto. Chegou-se assim a ter um esboço que, corrigido por Amélio, serviu de modelo para o retrato que foi realizado sem que o mestre o suspeitasse.

Temos assim o rosto de Plotino conservado até hoje: um rosto alongado, no qual os traços da intelectualidade e da afetividade se equilibram deixando poucas marcas do instinto. Um homem calvo e barbudo, com a fronte de tamanho médio e bem proporcionado, indicando um espírito sadio, lógico e com grande poder de síntese. Na testa, duas rugas fortes, nítidas e retas: sinais de inteligência profunda unida à grande tolerância e largueza de visão. O olhar do homem que vive além dos problemas mundanos, olhar do místico.

Plotino nasceu em Alexandria, no Egito, no ano de 204 d.C. numa família copta, relativamente rica, que lhe proporcionou a possibilidade - ter uma completa instrução grega.

Tinha cerca de 28 anos quando começou a estudar filosofia com os melhores filósofos da sua cidade, que, todavia, não o deixaram satisfeito, pois lhe instigavam a ânsia de conhecer, na constante decepção de não encontrar aquilo que a sua intuição lhe deixava entrever. Foi por este motivo que um amigo seu o colocou em contato com Amônio Sacca, um cristão que se

converteu ao paganismo e do qual nada sabemos a não ser que Plotino o considerava o verdadeiro iniciador do alexandrinismo (como era chamado o movimento filosófico neo-platônico), além de ser o mestre de Longino, Saturnil, Orígenes, Herênio e Plotino.

Além de filósofo, era um asceta, um "iniciado", que, num ambiente grego, reunia discípulos pagãos, cristãos, e gnósticos, como Saturnil.

Com Amônio Sacca, começa a primeira, e última, escola teológica do paganismo expressado mediante conceitos e palavras neo-platônicas.

A característica marcante de Amônio Sacca era evitar qualquer formalismo na busca radical da verdade. Para tanto, restringia ao máximo o número de discípulos e amigos, para ter a maior liberdade possível na discussão de suas reflexões.

Depois de ter assistido à primeira aula de Amônio, Plotino disse: "Este é o homem que eu buscava"; por onze anos frequentou seu círculo filosófico.

Sempre de acordo com a biografia de Plotino, três foram os alunos de Amônio Sacca mais destacados e dedicados: Herênio, Orígenes e Plotino.

O ambiente filosófico que tanto atraía esses três alunos — e Plotino em modo particular — era constituído essencialmente de um mundo místico que fazia de cada homem um deus, dando-lhe consciência de ser um "segmento" da Divindade. Na verdade, a consciência do divino começa a prevalecer, em Alexandria, sobre o materialismo e sobre o determinismo das filosofias anteriores.

Desse modo, a filosofia de Amônio abandona a interpretação sensorial da realidade para dedicar-se à especulação da metafísica, iniciando um novo platonismo, onde as "ideias divinas" de Platão, que "desciam do mundo hiper-urânico" para formar os corpos, confundiam-se com as teorias pitagóricas da reencarnação, formando um ascetismo severo com base de sustentação na filosofia, com o fim de permitir à alma a sua volta a Deus — o seu lugar de origem. Plotino era um entusiasta de Amônio.

Espiritualmente, Plotino era um místico; filosoficamente, era um metafísico, mais preocupado com o conhecimento intuitivo do que com o conhecimento racional. Em 242, o Imperador Gordiano organizou uma expedição contra os persas. Plotino, com 39 anos, querendo tomar contato direto com a filosofia que se praticava entre os persas e aquela que se praticava entre os hindus, uniu-se à expedição (metafísica hindu e neo-platonismo são quase sinónimos, pois ambos partem da unidade do Ser, de modo que consideram o homem uma realidade divina, embora transitória): divina quanto à alma, ou seja, quanto à essência; transitória quanto ao corpo, ou seja, quanto à forma de existência.

Gordiano foi derrubado, na Mesopotâmia, por Saper, rei dos persas, e

Plotino conseguiu sobreviver refugiando-se por alguns meses em Antioquia, ^{aue} um século antes de Cristo, foi um dos mais brilhantes centros da civilização helênica.

Com 40 anos de idade, resolveu ir a Roma, onde se fixou, fundando uma escola de filosofia que tinha o mesmo espírito e a mesma metodologia de Amônio Sacca em Alexandria: um grupo pequeno de alunos selecionados, com os quais lia, explicava e comentava alguns escritos de autores consagrados. Plotino lia um trecho, convidando em seguida seus alunos a exporem suas ideias e suas dúvidas; após, fazia seus comentários, pondo-se de pé quando a teoria apresentada continha um pensamento muito profundo. Relata-nos Porfírio que, durante suas explicações, Plotino tinha uma palavra fácil para expressar seu pensamento, embora cometesse erros de linguagem, como acontecia a todos os estrangeiros. No entanto, quando falava, sua inteligência brilhava através do olhar resplandecente e, embora tendo sempre um aspecto agradável, nessas horas seu semblante se tornava belo. Enquanto falava tão eloquentemente, um ligeiro suor emanava de sua fronte. Ensinava com doçura, mesmo que às vezes tivesse de corrigir energicamente um aluno. Sempre dava possibilidade de os alunos fazerem perguntas, e até os incitava a fazê-las. Frequentemente, suas aulas tomavam rumos diferentes, com discussões por vezes inúteis, o que o mestre permitia para, em seguida, corrigir e ensinar a lógica do debate. Conseguiu assim formar um pequeno mas seleto grupo de filósofos que imortalizaram suas ideias dentro e fora da sociedade romana. Lembramos, dentre eles, Amélio, aluno de Plotino por 24 anos! Aquele que mais o ajudou e que, inspirando-se em suas ideias, escreveu nada menos que cem tratados filosóficos; outro aluno foi Castrício: aquele que mais venerava o mestre; e também Eustáquio. O Senador Rogaciano foi um aluno que, pelo amor às ideias de Plotino, largou o magistério e a própria família para levar uma vida ascética, o que lhe proporcionou a admiração dos romanos. Outro destacado aluno foi Porfírio, que por seis anos ficou na escola do mestre; escreveu a biografia de Plotino, além de importante tratado sobre "As categorias de Aristóteles", e a "Vida de Pitágoras". Também eram seus alunos os senadores Marcelo Orôntio e Sabino.

Orígenes frequentemente assistia às aulas de Plotino, e quando entrava na sala de aula, Plotino corava, queria terminar sua lição, e dizia: "O prazer de lalar acaba quando o mestre sente que seus ouvintes já nada mais têm a aprender com ele"; numa clara alusão (escreveu Porfírio) à estima que nutria por Orígenes.

Contavam-se também dentre os alunos algumas mulheres da família imperial. Aliás, o próprio Imperador Galieno e sua esposa, se não cbearam a sentar-se entre os alunos, professaram profundos respeito e co .ideração Para com a pessoa do filósofo e sua doutrina, chegando a; ponto de prometer-lhe a reconstrução, fora de Roma, de uma vila abar jnada que Poderia tornar-se o núcleo de uma aldeia chamada Platonópolis (cidade de

Platão), a qual serviria de morada para filósofos que desejassem seguir as leis contidas no livro máximo de Platão, "A República". Se o projeto não se realizou foi porque o casal imperial foi dissuadido por seus assessores.

Pela santidade de sua vida, não só os membros da família imperial o estimavam e veneravam, como também muitas pessoas das famílias mais ricas e nobres de Roma, as quais, ao morrerem, confiavam-lhe seus filhos, com toda a sua fortuna. Sua casa era cheia de meninos e meninas, ficando aos cuidados pessoais do filósofo a educação e os bens materiais de cada um, exigindo que os tutores das crianças apresentassem regularmente as contas financeiras.

Depois dos 60 anos, a saúde de Plotino começou a enfraquecer. Nunca comia carne, só comia pão de trigo, e pouco. Sempre evitou qualquer relação sexual (embora nunca tenha condenado o casamento) por considerar algo que embaraça a criação mental, e jejuava frequentemente, acreditando que, enfraquecendo o corpo, fortalecia o poder da alma.

Assim, acabou adoecendo seriamente de uma enfermidade intestinal. Aconselhado a fazer lavagens intestinais, sempre se opôs, porque, dizia, tais remédios não condiziam com um homem de idade. Por seu desprezo ao corpo, não tomava banhos, embora se submetesse diariamente a massagens em sua casa. Quando os massagistas morreram, e ele deixou de tomar as massagens, foi atacado por uma grave enfermidade de pele.

Porfírio, seu biógrafo, diz que, nos últimos anos, a enfermidade do mestre se agravou de tal maneira que sua voz perdeu a clareza e a sonoridade, e se tornou rouca; sua visão enfraqueceu e suas mãos e pés cobriram-se de úlceras.

Deixou Roma, a fim de ficar sozinho, mudando-se para o campo, na propriedade de Zetus, um amigo seu, então já falecido. O sustento para a sua vida vinha das propriedades de Zetus e de Castrício.

Plotino acamado, chegou Eustáquio, que havia-se mudado para Putéolum (Pozzuoli); ao vê-lo, Plotino exclamou: "Ainda estou te esperando!". Naquele momento, uma cobra deslizou por baixo da cama do moribundo e sumiu num buraco da parede. Plotino morreu. Tinha 66 anos de idade; era o ano de 270 d.C.

Todos os romanos acharam que morrera um deus, tão grande era o conceito de santidade em que era tido na Roma desregrada de então.

Apesar de não seguir nenhuma religião oficial, Plotino era extremamente religioso: toda a sua filosofia é, afinal, a justificativa racional de seu ardente desejo de fundir-se à Divindade. Como Plotino, só aparecerá mais um: Agostinho de Tagaste, ele também oriundo do norte da África (354-430 d.C.) tentou realizar o conúbio entre o neo-platonismo e o cristianismo.

Relata-nos Porfírio que Plotino vivia constantemente mergulhado psíquica

28

¹ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

e mentalmente na Divindade. Duas vezes o encontrou num estado de êxtase, fora dos sentidos, como se contemplasse o Eterno. Plotino era a verdadeira encarnação do filósofo, assim com Pitágoras o concebia: um constante e cíclico buscador da verdade; um homem que fazia da filosofia uma regra de vida; um monge que permanecia solitário com seu Deus, mesmo numa casa cheia de meninos ou de discípulos. Nele, a filosofia se tornava religião, estilo de vida, comportamento, expressão humana do eterno e indivisível Uno, objeto único da sua contemplação e do seu desejo.

Nunca mais a filosofia alcançou, como uma metafísica neo-platônica, um ponto tão alto, à exceção, talvez, dos grandes místicos cristãos Tereza de Ávila e João da Cruz que, embora não sendo filósofos, realizaram o supremo momento do platonismo — a união da alma à Divindade.

6. AS OBRAS DE PLOTINO

Depois de vinte e um anos de permanência em Roma, quando já contava com 59 anos, Plotino, pressionado pelos alunos, decidiu escrever alguns tratados de filosofia que eram confiados somente a um restrito número de discípulos.

Eram pequenos tratados soltos, muito curtos, que abrangiam o quanto cabia numa aula ou numa conversa. Porfírio e Amélio estimularam-no a escrever mais e mais. Plotino concordou e escreveu, mas nunca relia, nem repassava o que havia escrito. Porfírio nos diz ser tal fato devido à fraca visão do mestre, que podia ler somente com muita dificuldade. Por isso, quem corrigia seus tratados era Porfírio. Desenhava mal as letras e não separava claramente as sílabas. Preocupava-se sobremaneira com o sentido, mas não com a ortografia. Ordenava suas ideias mentalmente e depois passava-as para o papel, sem interrupção, como se estivesse copiando um texto de um livro. Seu estilo era conciso, embora pleno de ideias; não havia lugar para adjetivos. Ao vê-lo escrever, diz Porfírio, parecia um homem sob inspiração divina.

Depois da morte de Plotino, foi Porfírio quem ficou com todo o material que, por expressa vontade do mestre, foi corrigido e reordenado. Ao exemplo de Andrônico de Rodes, que reordenou as obras de Aristóteles e Teofrasto, Porfírio ordenou os tratados por matérias, e não seguindo a ordem cronológica; mesmo sabendo que isso podia apresentar um Plotino diferente da realidade, quis realizar seu projeto.

Porfírio escreveu que todos os escritos de Plotino podem ser classificados em três grupos: os primeiros, da juventude; os segundos, da maturidade; os terceiros, do fim de sua vida, quando seu corpo já estava cansado. Daí (conclui Porfírio) as diferenças em sua força de pensamento: os primeiros 21 tratados são os que menos densidade intelectual contêm; os 24 tratados da segunda série nos revelam uma maturidade perfeita; os 9 últimos ressentem-se da diminuição de suas forças.

Concluimos que, de 243 a 255 (12 anos), Plotino escreveu 21 tratados; de 263 a 268 (5 anos), escreveu mais 23; e de 268 a 270 (2 anos), escreveu os últimos seis. O número 54 é cabalístico; 6 vezes 9 é 54, e corresponde à mentalidade pitagórica de dar um sentido extra-temporal às coisas e aos acontecimentos. Tanto o número 9 como o número 6 são múltiplos de 3 — o número perfeito —, o "Sagrado Triângulo" de Pitágoras (e dos modernos filósofos rosacruzes). Porfírio arranhou um modo de agrupar os escritos de Plotino em 6 grupos de 9 tratados cada, de onde vem o nome "Enéadas", ou como alguns escreveram, "Enéades", que significa "conjunto de 9 tratados", que são os seguintes:

Enéade -1 (trata do homem e da moral):

1. Que é o ser vivente? que é o homem? (53);
2. Que é virtude? (19);
3. Que é dialética? (20);
4. Que é felicidade? (46);
5. A felicidade cresce com o tempo? (36);
6. Que é belo? (1);
7. O primeiro bem e os outros bens (54);
8. De onde vêm os males? (51);
9. O suicídio é razoável? (16);

Enéade - II (trata do mundo sensível e da Providência):

1. O mundo (40);
2. O movimento circular (14);
3. Os astros operam? (52);
4. As duas matérias (12);
5. A potência e o ato (25);
6. A qualidade e a forma (17);
7. A mistura completa (37);
8. Por que os objetos distantes parecem pequenos? (35);
9. Aos que dizem que o mundo e o seu Autor são maus (33);

Enéade - III (ainda sobre o mundo sensível e a Providência):

1. Sobre o destino (3);
2. A Providência -1 (47);
3. A Providência - II (48);
4. O demónio que todos temos (15);
5. O amor (50);
6. Os seres que não têm corpo são impassíveis (26);
7. O tempo e a eternidade (45);
8. A natureza, a contemplação e o Uno (30);
9. Algumas considerações filosóficas (13).

Enéade - IV (trata da alma, a primeira "hipóstase", ou Suprema realidade):

1. a essência da alma -1 (21);
2. A essência da alma - II (4);
3. Dificuldades com referência à alma -1 (27);
4. Dificuldades com referência à alma - II (28);
5. Dificuldades com referência à alma - III (29);
6. A sensação e memória (41);
7. A imortalidade da alma (2);
8. A alma que entra no corpo (6);
9. Se todas as almas constituem uma só alma (8),

Enéade - V (trata do intelecto, a segunda "hipóstase" ou Suprema realidade):

1. As três principais "hipóstases" (12);
2. A origem e a ordem das realidades que vêm depois do Primeiro (11);
3. A "hipóstase" que tem a faculdade de conhecer (49);
4. Sobre o Uno (7);
5. Os inteligíveis não estão fora da Inteligência (32);
6. O que está além do ser não pensa (24);
7. Existem ideias das coisas particulares? (18);
8. A beleza inteligível (31);
9. A inteligência, as ideias e o Ser (5).

Enéade - VI (trata do Ser, dos números, das ideias e do Uno):

1. Os géneros do Ser -1 - (42);
2. Os géneros do Ser - II - (43);
3. Os géneros do Ser - III - (44);
4. O Ser está em todas as partes, todo inteiro e é um só -1 - (22);
5. O Ser está em todas as partes, todo inteiro e é um só - II - (23);
6. Os números (34);
7. A multiplicidade das ideias (38);
8. O que é voluntário; a vontade do Uno (39);
9. Sobre o Bem, ou seja, o Uno (9);

(Os números entre parênteses indicam a ordem cronológica em que Plotino redigiu esses tratados).

Pode-se notar que Plotino não escreveu de forma sistemática; elaborou tratados parciais e incompletos, de forma que a ordenação dada por Porfírio se tornou quase necessária. Mesmo assim, antes de entrar em alguns temas cios mais importantes, somos obrigados a fazer a síntese prévia do seu Pensamento para facilitar a necessária compreensão ao leitor.

Inicialmente, podemos já afirmar que a filosofia de Plotino se caracteriza Por uma profunda unidade, no sentido de que todos os 54 tratados e as utiplas conclusões derivam de uma única ideia básica essencial: o Uno.

O Uno, evidentemente, é Deus, mas não o Deus que as Escrituras judaico-cristãs reduzem a um perito indefinido nalgum lugar do céu, cora características antropomórficas, e sim o Deus de Spinoza, ou, talvez, na linguagem da mentalidade moderna, a Energia Eterna, infinita, inexplorável, única e incomensurável de que fala Einstein. Com efeito, lemos na biografia de Einstein que, quando lhe perguntaram se acreditava em Deus, respondeu prontamente: "Acredito no Deus de Spinoza":

O Deus de Spinoza, apresentado com outros conceitos e com outras palavras, era o mesmo Deus de Plotino. Spinoza afirmava a existência de uma única substância; Plotino dizia existir uma única realidade: o Uno.

Plotino não negava a existência da matéria, mas afirmava ser a mesma pura potencialidade, ou possibilidade de alguma forma (material) qualquer, pois as múltiplas formas que a matéria assume provêm da alma ("psíke") que outra coisa não é senão energia interior. Chamamos Natureza, ele dizia, ao conjunto das energias das almas ("segmentos" da Energia Total — o Uno) que produzem todas as formas materiais existentes no mundo, sempre, porém, obedecendo a uma escala de realidades, de modo que a realidade mais alta produz a mais baixa (e não vice-versa). Desse modo, ele dizia, o desenvolvimento do indivíduo no útero materno é o resultado do trabalho da "psíke" que nada mais é do que a Força Vital dentro do indivíduo, moldando o corpo, por influência do desejo e do rumo que a alma lhe imprime.

Mas não é só o corpo humano que tem alma: todos os animais e todos os insetos, todas as plantas e todas as flores, assim como os elementos chamados inorgânicos, têm uma Alma (Força Vital) correspondente. O mal não existe, porquanto é pura possibilidade da matéria (considerada como pontencialidade) tomar uma forma sempre mais evoluída; nesse sentido, o mal derrota um estado da matéria (e seus atributos) que ainda não conseguiu atingir a sua plenitude.

O corpo, assim, é a prisão da alma. Com efeito, a alma tem aspirações diferentes e superiores às do corpo. Fundamentalmente, a alma aspira a juntar-se de novo à Alma Universal da qual se desprende (ou "caiu" — segundo interpretação gnóstica).

Com referência a esse ponto, parece que Plotino aderiu a alguma interpretação dos gnósticos, alguns dos quais frequentavam sua escola. Ele professa rejeitar o gnosticismo e, no entanto, descreve a descida da alma por ' planos sucessivos, do céu ao corpo do homem. Também Plotino aceita a , noção védica e pitagórica da transmigração da alma, para uma forma mais ' alta (humana) ou mais baixa (animal) de vida, de acordo com o bem praticado ' ou deixado de praticar em cada encarnação. É a lei do carma: a lei de causa e efeito, que ele reafirma de uma modo até poético, como quando escreve, (Enéade - 111,4) que os músicos serão, na vida futura, pássaros canoros, e os i filósofos altamente especulativos serão águias.

O que é necessário, em todo caso, é que se tenha coragem de purificar o tipo castiá-lo e dominá-lo, pois só assim a alma desenvolverá suas potencialidades espirituais, elevando-se até Deus.

Por isso, Plotino dará o exemplo de uma vida mortificada, procurando reprimir todos os instintos — mormente o instinto do sexo, da fome e do lucro. "Somente assim — dizia Plotino — eu deixo de viver e começo a existir, saindo de mim para o Uno", e mais adiante: "quando isso acontecer, a alma vislumbra a Divindade o quanto lhe é permitido; (...) então, ficará cheia de luz interior; ou melhor, se aperceberá como sendo ela mesma cheia de luz, pura, leve, ágil, feita de Deus" (Enéade - VI,9).

A imortalidade da alma é uma verdade no sentido de que, depois da morte, a alma é reabsorvida na Energia Vital Universal, isto é, na Divindade (Enéade V,1 e Enéade - 111,7). Com isso, Plotino exclui a imortalidade da alma como se esta fosse uma personalidade individual (Enéade - VI,1).

Deus é o ponto mais alto, aliás, o único ponto importante de toda a filosofia de Plotino. Plotino fala muito sobre a matéria ou, mais propriamente, sobre as formas materiais, mas nunca perdendo de vista a única realidade, Deus ("além do Ser, há o Uno" - Enéade - V,1).

A matéria é conhecida por meio das ideias que são formadas em nós mediante a sensação, a percepção e o pensamento; sendo assim, antecipando tanto Hume, como os idealistas do século XIX, tem-se a impressão de que Plotino considerava a matéria como um feixe de ideias.

É à intuição que Plotino dedica toda a sua atenção, pois a intuição é o fundamento do raciocínio metafísico; o degrau que o eleva até o Uno.

Plotino, como de resto a escola neo-platônica, faz da faculdade intuitiva a fonte da certeza última e definitiva. Tal faculdade se encontra, em estado adormecido, em todos os homens, embora certas raças, como os africanos, por causas geográficas e culturais, tenham-na desenvolvido mais do que outras — por exemplo, a raça branca, que permanecendo em contínuas fases de conquistas e em situações culturais evoluentes, desenvolvem sobretudo a razão.

Para Plotino e os neo-platônicos, desenvolver a intuição espiritual constitui-se na mais importante tarefa de um homem, pois é pela intuição que ele vislumbra a verdadeira natureza e essência do universo, que é Deus. Com eleito, "intuir" não se constitui numa continuação dos dados dos sentidos ou do intelecto; "intuir" não é o ponto mais alto do entender ou do sentir. Pela intuição inicia-se no homem um processo de vislumbre e um correspondente entendimento interior pelo qual o homem não "chega" até a verdade. Poderíamos dizer que se o sentir e o entender são algo realizado diretamente pelas faculdades do homem, intuir é algo realizado diretamente no interior do homem. O homem não pode intuir todas as vezes que quiser: a intuição não

depende de seu poder de vontade; pelo contrário, é o resultado de uma extrema passividade tanto dos sentidos quanto da inteligência; é nesse momento que a alma, isto é, o "segmento divino", vem, por assim dizer, à tona, e fala de um modo sintético, mas real, fazendo com que o homem entenda, vislumbre, intua a verdade.

De acordo com a filosofia de Plotino e dos neo-platônicos, a Divindade está no homem por intermédio da alma. Intuição é a percepção do conhecimento que a Divindade tem de si mesma. Do mesmo modo, é Deus que se revela ao homem pela intuição; com efeito, o homem não percebe a Deus pelos sentidos, nem o entende pelo intelecto. Dele nada sabemos, a não ser que existe, ou melhor, que é; que "está" como Deus. Os filósofos cristãos usam da analogia, mas esta não passa de suposição fantasiosa. Aliás, deve-se entender claramente que qualquer definição ou qualificação O limitaria, e por isso não seria mais Deus. Podemos dizer ser Ele o Uno, no sentido de única realidade. Desse Uno emana o Mundo-Razão, que corresponde às Ideias de Platão, as quais são os modelos formativos que constituem e regem todas as coisas e são, por assim dizer, os pensamentos de Deus, como que a Razão ("Nous") no Uno. Esses pensamentos de Deus, ou Ideias ("Nous"), são a única, verdadeira e duradoura realidade que assume (realizando-as) as múltiplas e passageiras formas dos corpos dos homens, dos animais e dos vegetais. Mas não são o Uno e a Razão que criam o universo, pois esta é a função da Força Vital, ou Princípio vitalizante que, afinal, dá-lhes a forma pré-determinada pela Razão.

Fica assim definido também o conceito de Beleza, que não é somente proporção e harmonia, como haviam escrito Platão e Aristóteles, mas a expressão exterior da alma no interior das coisas (a predominância da alma sobre o corpo). Assim, as artes realizam uma importante função mediúnica, enquanto ajudam a alma a procurar na beleza das formas materiais ou humanas a Unidade divina que une todas as coisas em sublime e maravilhosa harmonia (Enéade V,II). E, pois, que a virtude é o movimento ascensional da alma para Deus; assim, beleza e virtude se confundem numa única operação.

Encontramos, portanto, na filosofia de Plotino, elementos pitagóricos, aristotélicos e estoicos, mas sobretudo o núcleo central da doutrina de Platão, e sua visão do universo: Deus, o Demiurgo, a alma, o mundo dos homens, tudo na medida exata em que os diálogos no-los apresentam. Por exemplo, "O Banquete" encontra sua sintética e máxima expressão na Enéade - 111,5, a qual inicia dizendo: "O amor de Deus é um gênio ou uma paixão da alma? Ou, melhor, não será Deus, sob um aspecto; gênio, sob outro; e paixão, sob um terceiro aspecto? É sobretudo a Platão que devemos nos reportar, por ser ele o único que frequentemente escreveu sobre o amor".

Platão é o mestre que Plotino estuda, embora não o siga literalmente, como quando, por exemplo, substitui as ideias subsistentes (de Platão) pelas ideias que têm sua realidade na Inteligência. Aliás, parece evidente que

Plotino se afasta da doutrina da filosofia grega, em quatro pontos.

O primeiro ponto é de que ele concebe o Uno como inacessível tanto à experiência sensível como a qualquer labor intelectual.

O segundo ponto é que, pela impossibilidade humana, o Uno não pode ser nem aproximadamente descrito e nem mesmo descrito por meio de negações, como, por exemplo, "o Uno não é material", "o Uno não é finito", "o Uno, princípio de todos os entes, é um não-ente", etc.

O terceiro ponto é uma consequência do primeiro e do segundo, a saber: se na tradição helénica, o ser se mostrava tanto mais perfeito quanto mais determinado (e, por consequência, o infinito era sinónimo de não-completeza, pois a ele se podia sempre acrescentar algo), na filosofia de Plotino, o verdadeiro Ser se torna, pela primeira vez, in-finito, isto é, não finito, não determinado, pois é d'Ele que emanam as essências finitas e os seres delimitados.

E, finalmente, o quarto ponto é que Plotino, preocupado com a salvação do indivíduo, substituiu a filosofia grega pela filosofia védica. Os filósofos gregos situavam a salvação do homem na tomada de consciência da natureza humana, a fim de ser inserida num justo lugar no cosmos; enquanto que os filósofos hindus faziam consistir essa elevação não no fortalecimento da personalidade, mas na sua dissolução no Nirvana. Teríamos assim uma filosofia mística em oposição a uma filosofia racionalista.

A palavra "nirvana" não foi escrita por acaso. Realmente, depois de Platão, são as ideias védicas que alimentaram a filosofia de Plotino. Essas ideias lhe chegaram através da escola de Alexandria, por intermédio de António Sacca. As influências orientais sobre a cultura grega existiam bem antes de Alexandre Magno (356-323 a.C.), unificar povos, culturas e pensamentos. Havia ligações entre a Grécia, a Ásia Menor, a Mesopotâmia, o Irã, a Índia e quase certamente, a China. De outra forma, como explicar a semelhança entre as técnicas do bronze e da cerâmica e suas decorações?

Afinidades de raças e línguas explicam melhor o parentesco dos deuses védicos com os deuses gregos. Mais tarde, já no início do Budismo, com Gautama (563-483 a.C), encontramos a metempsicose, que se encontra parimente na Grécia no mesmo período, nas doutrinas de Pitágoras. E assim, tanto na Índia como na Grécia, as pessoas esforçavam-se por escapar ao ciclo das reencarnações, com rituais de purificação da alma. O próprio Plotino seguiu o exemplo do Imperador Gordiano não só para conhecer as filosofias da Índia, mas também para ser iniciado nesses mistérios.

A mesma China viu aparecer uma série de doutrinas filosóficas e religiosas muito semelhantes às dos gregos. Por exemplo, o preceito de Sócrates (470-399 a.C.) "conhece-te a ti mesmo" se encontra nos ensinamentos de Confúcio (551-479 a.C.). Também Mo-Tsen, no fim do V século a.C.,

proclama, como fazem os Eleatas (cerca de 550-450 a.C.) a existência de um único Deus ao qual o universo e os homens estão submetidos, o qual odeia o mal e quer o bem. Parimente, Tchovang-Tsen, no IV século a.C, glorifica o Ser Primordial, invisível, não conhecível, inefável, acima da vida e da morte, sem passado, presente e futuro, não habitando nenhum espaço. Cerca de cem anos antes, os Eleatas, Pitágoras e os Heraclíteos expressavam ideias semelhantes. E, por fim, sabemos que Platão, na sua velhice, havia-se aberto aos mitos da Pérsia (provavelmente trazidos para a Ásia Menor e para a Grécia pelos Mazdeístas), e às ideias védicas do ascetismo hindu.

Plotino, como também os últimos pensadores alexandrinos ou atenienses, vivia num ambiente saturado de influências diferentes: mitos orientais, ideias gnósticas, cristianismo, mazdeísmo, mitriaísmo (muito forte no exército romano), e ainda o paganismo, a velha religião de latinos e de romanos.

Era impossível para Plotino prescindir da influência de todas essas ideias uma vez que a necessidade da salvação se tornava sempre mais premente num mundo de valores tão conturbados.

7. INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DE PLOTINO

Damos aqui os nomes dos filósofos que precederam diretamente Plotino, juntamente com suas ideias e as obras que eventualmente nos legaram. O primeiro deles é Numérico.

Clemente Alexandrino é o primeiro que menciona o filósofo Numérico de Apameia (Síria), apelidado "o romano". Na escola de Plotino, fazia-se a leitura comentada dos textos desse filósofo. Constatando certas analogias entre a doutrina de Numérico e a doutrina de Plotino, os contemporâneos acusaram este de "plágio". Os discípulos de Plotino, Amélio e Longino, defenderam-no de tais acusações. Os alexandrinos estimavam sobremaneira Numérico, e os autores cristãos de Alexandria o louvaram frequentemente por haver refutado Celso e por haver falado com justiça tanto do cristianismo como do judaísmo. Provavelmente tenha vivido na segunda metade do século II d.C. Só possuímos os títulos (e alguns trechos) de algumas de suas obras, a saber:

1. "Sobre as doutrinas secretas de Platão";
2. "Sobre a indestrutibilidade da alma";
3. "Epópte" (um diálogo);
4. "Acerca do mito de Er, o Panfílio" (uma explicação);
5. "Números e Lugar".

Na obra intitulada "Preparação evangélica", Eusébio nos conservou algumas passagens de um diálogo de Numérico "Sobre o Bem". Os dois primeiros livros acima demonstram, contra os Estóicos e contra Epicuro, a existência de realidades incorpóreas. O resto da obra expõe, às vezes sob o nome de Platão (o Moisés ático), uma nova teologia. (Para não ter o mesmo

fim de Sócrates, Platão teve que dissimular constantemente o mais original de seu pensamento!).

No mais alto grau do Ser, há (diz Numérico) um Deus incognoscível, inefável, perfeitamente simples e sem partes, fonte de toda a luz inteligível, estranho ao mundo (matéria), e sede dos Inteligíveis (as Ideias). Debaixo d'Ele (que Platão chama de "*βασιλεύς* :basileus argos)(1), há um Demiurgo que "circula no céu"¹ (*δια ουρανου των*: diá uranú ión), sem dúvida idêntico à Alma do mundo. O primeiro Deus é a Ideia, isto é, o modelo do Demiurgo ao qual Ele (Deus) passa toda a sua luz para que possa cumprir o papel de Ordenador e Legislador. O primeiro considera o segundo como um servidor, e o segundo observa constantemente o primeiro "como um piloto observa as estrelas". Diante do Demiurgo está a matéria eterna, ilimitada, em perpétuo por-vir.

Na alma humana existe o mesmo dualismo. Assim como o homem tem dois olhos e duas orelhas, também ele tem duas almas, uma racional (*λογική*:logiké), e a outra privada de razão (*αλογος* : sensitiva).

A matéria, eterna e ilimitada, como Deus, é o princípio do mal, assim como Deus é o princípio do bem, havendo, por isso, no mundo uma infinidade de génios e de demónios.

Não há originalidade nessa filosofia, pois em muito é semelhante à primeira Academia Platónica, a qual foi influenciada pelo dualismo iraniano. Podemos encontrar também na filosofia de Numérico algum parentesco com as doutrinas gnósticas e com as doutrinas orientais e judaicas de um Deus transcendente.

Mas as pesquisas desses últimos decénios nos provam que contatos filosóficos eram frequentes naquelas épocas, e os filósofos antigos viam de bom grado que outros, mais novos, espalhassem suas ideias, mesmo sem citar seus nomes.

Outro grande filósofo foi Amónio Saccas, considerado por Plotino o verdadeiro iniciador do "alexandrinismo", isto é, do neo-platonismo.

Amônio Saccas ("carregador de sacos") era cristão, mas converteu-se ao paganismo. Foi mestre de Longino, de Orígenes e de Herênio. Plotino, porém, foi o mais destacado dentre todos os seus discípulos. Era, sem dúvida, um filósofo, além de ser um asceta, um iniciado, um modelo de virtudes. O ambiente de Amônio era grego. Em sua escola, a maioria dos alunos eram pagãos, mas havia também gnósticos, como Saturnil, e muitos cristãos.

8. O UNO; O INTELECTO; A ALMA; A IDEIA CENTRAL DA FILOSOFIA DE PLOTINO

A doutrina da unidade do Ser representa o motivo pelo qual Plotino ficará Para sempre lembrado na história da filosofia; Unidade do Ser, ou doutrina

do Uno.

A Escola filosófica de Eléia já havia apresentado a unidade do Ser, porém, o Ser concebido por esta tinha um sentido igual e idêntico tanto na causa como nos efeitos. Para Plotino, a unidade do ser tem outro sentido: o Ser possui a plenitude da essência e da existência em si mesma; mas na medida em que d'Ele emanam as realidades materiais da essência do Ser, diminuem progressivamente tais realidades. Com isso, Ele não está perdendo algo; Ele está dando sempre menos algo de si.

Poderíamos, usando o exemplo da luz, dizer que, a partir de um centro gerador de luz, esta diminui de intensidade enquanto irradia pelo espaço afora.

Estamos próximos à ideia de Platão e dos Estóicos. De acordo com essa visão do Ser, Plotino acreditava que somente era sábio aquele que conseguia superar as formas aparentes surgidas pela dispersão do Ser, e que com isso reencontrava a Unidade geradora de todas as formas, efêmeras, materiais: tarefa possível para quem percorre a série de intermediários escalonados entre a matéria e o Uno em si mesmo. Quem realizar esta tarefa, terá a ideia de uma hierarquia de formas sempre mais perfeitas, as quais ligam a matéria à Divindade.

Platão havia deixado entrever essa hierarquia quando falava do Bem Supremo, "o sol do mundo inteligível", "o mundo das Ideias", em oposição ao "mundo sensível", que constitui a matéria em perpétuo porvir, e, por isso, princípio de desordem.

Nesse sentido, Plotino é platônico. E também aristotélico, quase-discípulo de um Aristóteles que propôs o "motor-imóvel", isto é, o Princípio que, embora não sendo movido por ninguém, dá início a tudo o que se move: minerais, vegetais, animais, homens e os astros inteligentes e divinos.

Também não deixa de ser um pouco estóico, com a ideia do "fogo de Zeus", isto é, a vida que se torna presente em todos os seres.

E, finalmente, é também gnóstico, pelo menos em sua interpretação de "emanação": toda uma série hierarquizada de deuses e "cones" que emanam do Uno.

Foram sobretudo as doutrinas gnósticas que o ajudaram a perceber a presença da Divindade tanto na matéria orgânica como na matéria inorgânica, de forma que a essência da Divindade está igualmente em tudo, embora num grau diferente de existência.

Por tudo isso, é certamente real, na filosofia de Plotino, a influência de Platão, de Aristóteles, dos estóicos e dos gnósticos.

Admitida a presença da divindade em tudo o que existe, as primeiras perguntas que Plotino faz a si mesmo são como e onde encontrar a essência

do Lino, de Deus, ao que responde: há dois caminhos; o primeiro, pela contemplação da Natureza, isto é, "saindo fora" de nós; o segundo, quando, "entrando dentro" de nós, e esquecendo o mundo lá fora, procurando enxercar, "com o olho interior da alma", o Ser que está em nós, que dá sustentação ao nosso mundo material e psíquico. Com efeito, diz Plotino, somos um "segmento" (não importa quão distante, pois espaço e tempo não existem) do Ser Universal.

Plotino usa esses dois métodos para estabelecer a meditação-contemplação interior que desabrochará na intuição, o suporte para a racionalização de seu pensamento.

Contemplando as formas materiais do mundo sensível, o filósofo se eleva até o Intellecto Universal e, deste, ao Uno, a Deus.

Por outro lado, a contemplação interior proporciona a União mística do filósofo com o seu Deus, pois d'Ele emana e a Ele está unido — já que ambos existem devido ao ser.

O ponto de partida da filosofia de Plotino é a Unidade do Ser, e como tudo o que é, e que vive, é parte do Ser, temos a "Unidade de tudo", noutras palavras: "O Uno".

"O Uno", escreve Plotino, é todas as coisas, sem ser exclusivamente nenhuma delas; o Uno está além do Ser (particular) e de qualquer outra categoria".

Para os leitores preocupados em detectar o conceito de panteísmo em Plotino, poderíamos dizer, parafraseando o filósofo: o Uno é todas as coisas, quanto à essência (hoje, por influência da física moderna, diríamos "quanto à energia"), pois é axioma filosófico que do nada vem nada; todavia, é evidente que o Uno não é nenhuma das coisas, já que a existência do Uno é eterna e permanente, e a existência das coisas, transitória.

Logo, o Uno não pode ser conhecido, e quando Plotino diz que n'Ele há três "hipóstases" (realidades, substâncias, fundamentos, pessoas, aparências), que são o Uno, o Intellecto e a Alma, na realidade, usa essas três distinções única e exclusivamente para facilitar o entendimento humano — Plotino sabe e afirma que n'Ele, no Uno, não há separação, mas pura unidade.

O Uno está presente no Intellecto, e o Intellecto está presente na Alma, e a Alma está presente na matéria. Assim, devido a essa hierarquia, a matéria está no Ser do Uno, embora, teoricamente, haja uma ascensão da matéria até 'à Alma, até o Intellecto, até o Uno — ou seja, da multiplicidade, numérica e quantitativa, para a Unidade, que representa a Unidade (talvez hoje fosse melhor acrescentar: "energética") única e eterna.

Pelas razões supra-mencionadas, podemos falar (do ponto de vista do entendimento humano e dentro de uma **distinção puramente lógica**) de um

movimento de descida, definida como emanção, e de um movimento de subida, ou retorno. Claro é que, ontologicamente, não há descida nem subida.! No único modo de ser do Uno há operações, ou movimentos (para usar de palavras humanas, já que nos faltam palavras ontologicamente técnicas) sem que, evidentemente, isso inclua potencialidade, pois que no Uno há o eterno presente, — o eterno **real** — e nessa Unidade de substância (ou energia), tudo aquilo que é possível, é somente possível como forma ou aspecto transitório de algo já essencialmente real, de modo que não se pode, em nenhuma hipótese, falar em potencialidade. Assim, fica comprovado que no, Uno não há tempo, nem espaço, nem mudanças reais, já que não há sucessão 1 de eventos, pois no Uno tudo é aquilo que é.

Nesta linha de pensamento, entende-se a frase de Plotino: "Quando nossa visão interior (nossa intuição) tiver penetrado o véu das aparências, não encontrará outra coisa que não o Ser", isto é, a Existência, que inclui todas as vidas passadas, presentes e futuras, a Existência eterna, que inclui, numa única Energia, toda a multiplicidade dos seres. Plotino retoma a analogia de Pitágoras: como a unidade precede todos os números, que são apenas desdobramentos dela, assim a substância (Energia) eterna e universal precede todos os segmentos que dela derivam: "É por causa do Uno (isto é, a Unidade substancial ou energética) que todos os demais seres são seres (*παντα τα οντα τω ενι εστιν οντα*), isto é, que todos os demais existentes existem.

A partir dessas considerações, Plotino entende que o Uno não pensa, já que pensar é introduzir em nós a ideia de um objeto que "não é nós" (*ετεροτης*). Nem mesmo o Uno pode pensar si mesmo, porque, se Ele pensasse a si mesmo, introduziria uma imagem de si em si

Evidentemente, Plotino aqui entende o processo de pensar como processo humano; o que há no Uno, nós o desconhecemos. Por isso, conclui Plotino, o Uno está acima e aquém do conhecimento (isto é, do processo de conhecimento entendido por nós, homens).

Sempre na mesma linha de pensamento, Plotino afirma que o Uno não tem consciência, pois, pelo fato de Ele ser somente o que é, não pode refletir sobre seu pensamento, já que nenhuma outra situação diferente d'Ele O pode atingir, pelo simples fato de que não pode existir uma outra situação. Consciência é sempre consciência de algo, e mesmo quando é consciência de si, é sempre consciência de alguma imagem de si. A consequência disso, diz Plotino, é que o Uno não pode ter intenções ou vontades, o que suporia a existência de algo fora d'Ele, capaz de determiná-lo; mas por ser Ele a única Unidade, tudo o que existe é uma emanção d'Ele e, portanto, tem n'Ele a sua realidade substancial. Assim, o Uno não está no homem, uma vez que Ele é O homem: não o homem enquanto fenómeno humano, transeunte, que começa a existir num determinado momento e morre num outro momento, mas o homem enquanto expressão real e atual da substância universal, ou Energia universal.

Somente concebido assim, o Uno é causa (αἰτία), é força primeira (δύναμις πρώτη), força de todas as causas (δύναμις τῶν παντῶν), — o Bem (ἀγαθόν) — continuando, porém, a ser atividade, isto é, a emanar, embora "sem que nada saia d'Ele". Esta ideia é constantemente afirmada por Plotino: nada sai, nem flui d'Ele: é como um lampejo que torna as coisas visíveis (e, portanto, reais, numa noite escura), sem todavia que a fonte perca energia.

Torna-se, portanto, evidente que, para Plotino, só existe uma única substância, que é eterna, porque está aquém de qualquer começo e fica além de qualquer fim; e infinita, pois não há nada fora dela, e nela tudo está contido, porque ela é tudo — não no sentido de que ela é a soma de tudo, mas no sentido de que ela é única.

É difícil dizer o que Plotino entendia por "substância". Em língua latina, essa palavra é composta por outras duas: "sub", "por baixo de" e "stans", "aquilo que está". Uma vez unidas, temos "substância", que significa "aquilo que está por baixo" (daquilo que se vê, que se toca, das aparências sensíveis). Talvez se Plotino vivesse hoje, tomaria emprestado de Einstein a palavra "energia", que vem do grego, e significa força. Nesse caso, "substância" poderia ser interpretada como "a força que faz subsistir as formas aparentes dos seres criados". A palavra "Uno" é a personificação (se é que esse termo seja apropriado) dessa Força Vital Única. Portanto, quando Plotino fala em emanção, não entende a "produção de algo", como poderia ser, num sentido humano, ou seja, a "reorganização de elementos pré-existent"; tampouco entende a "criação" no sentido cristão ("ex nihilo sui et subiecti"), primeiro, porque fora do Uno não existe nada; segundo, porque ele sabia que do nada vem nada!

Por "emanção" Plotino entendia quase que "prolongamento" ou "expansão" do Uno. Claro que prolongamento e expansão não são a ideia completa; Plotino sabia disso. Portanto, recorre aos exemplos: os raios de luz, os quais à medida que se afastam do centro luminoso se tornam mais fracos, sem todavia diminuir a fonte de luz; o perfume que uma flor emana, o qual se torna sempre mais fraco à medida que a flor for afastada...

Uo mesmo modo. diz Plotino, as emanções diminuem e se degradam à medida que se afastam do Uno; logo, num momento pode não haver mais luz, comente escuridão ... mas, cuidado! , pois essa escuridão está ainda no Uno. O último lampejo antes da escuridão é apenas a última forma de emanção do Uno, dentro do Uno.

Como pode perceber o leitor, Plotino tinha perfeita consciência de estar trabalhando na esteira da intuição, a qual carece de qualquer instrumento, de qualquer dado, da lógica humana; na qual faltam, portanto, as palavras adequadas aos símbolos, pois não temos palavras metafísicas para símbolos metafísicos.

Todavia, além da dificuldade de uma adequada forma de expressão, o leitor entende que Plotino nos apresenta uma espécie de hierarquia: o Uno; O Intelecto; a Alma; o Mundo Material (a última emanção do Uno antes de chegar à "escuridão").

O Uno, o Intelecto e a Alma são chamados de "hipóstase", e formam a trindade do mundo inteligível, enquanto que os seres materiais formam o mundo sensível.

Quando analisamos o conceito plotiniano de Intelecto, encontramos tanto ideias platônicas como gnósticas. A ideia platônica seria: o mundo do inteligível que encerra e contém os modelos de todos os seres reais e possíveis, tanto na terra como no céu; modelos subtraídos ao nascimento e à morte, e portanto, isentos de qualquer imperfeição. A lembrança gnóstica seria: essas ideias inteligíveis são o modo de ser de um Intelecto perfeito do qual a universalidade das ideias forma um todo perfeitamente harmonioso; e por estarem as ideias fora do espaço e do tempo, estão todas simultaneamente unidas, embora uma ideia não seja a outra.

Todavia, esses elementos platônicos e gnósticos são expressados numa forma típica; e é essa forma típica que representa o peculiar cunho plotiniano, a saber: esse mundo inteligível é uma comunidade de espíritos, de anjos, de gênios, de astros, de homens (enquanto possuem o intelecto) que formam uma "comunidade de inteligências" unidas entre si, porém espalhadas por todo o universo. É por isso que esta "comunidade de inteligências" representa, simboliza e significa o Uno ao qual está ligada, por ser expressão e emanção d'Ele (mediante o Intelecto), sem, todavia, haver fusão alguma, pois essa "comunidade de Inteligências" é emanção do Uno e não o Uno.

É evidente que podemos encontrar aqui duas influências: a primeira, de Aristóteles, que apresentou a Divindade como o Princípio imóvel que tudo move, e a influência dos gnósticos, que consideram os seres, como outras tantas manifestações da Divindade, a qual é considerada o Ser Pleno (o Ser Total) eminentemente ativo.

É evidente que Plotino tem mais afinidade com a segunda interpretação. Por isso, embora entendendo que o Intelecto seja repouso (ideia aristotélica), porque, por possuir em si tudo aquilo que é inteligível, não tem necessidade de buscá-lo fora de si; todavia, é ele que "arruma" a "comunidade de inteligências". Por isso, embora sendo "repouso" (porque está-em-si), o Intelecto tem uma "atividade perpétua" (εγρηγορσις), da qual também participa o homem, pelo fato de possuir vida intelectual, o que o torna capacitado para compartilhar com o mundo dos inteligíveis, isto é, com o mundo dos espíritos. Nunca esqueçamos, diz Plotino, que o intelecto do homem é um "segmento" do Intelecto universal.

Depois de termos analisado o conceito de intelecto, passaremos a analisar

o conceito de Alma.

A Alma é, para Plotino, o princípio de movimento e de vida. Isso faz com que existam almas em todos os seres, uma vez que a alma é o princípio de organização (bio-físico-química) de um ser, seja ele vegetal, animal ou humano. Sendo assim, há vários tipos de alma: a alma que é princípio de organização e movimento; a alma que faz sentir o prazer e a dor; a alma que é o princípio da reprodução, etc. Há também a alma do nosso mundo, assim como uma alma para cada astro, dando-lhe forma e vida.

Plotino considera a alma sempre ligada a um corpo presidindo sua evolução. Por estar sempre ligada a um corpo, isto é, à matéria, a alma não fica imune de impurezas e desordens; nesse sentido, a alma está envolta por aquilo que vulgarmente chamamos de "mal".

Aristóteles também considerava a alma como princípio normalizador das mudança orgânicas; e os órficos e os pitagóricos apresentavam a alma como uma prisioneira do corpo, depois da sua queda, na origem dos tempos.

Para Plotino, não havia "queda", evidentemente, e sim emanção; o que faz com que a ideia de impureza não seja total. Por outro lado, Plotino considera a alma como sendo estritamente ligada ao Intelecto, e não abandonada a si mesma, como prisioneira de um corpo; portanto, a alma, na concepção de Plotino, é a manifestação do Intelecto na matéria.

Por estar na matéria, encontramos na alma tanto o impulso como o desejo que, de certo modo, dividem-na em duas partes: uma voltada para o Intelecto, que a faz existir, e outra, para a matéria, na qual está presa. Tais ideias assemelham-se a Platão quando o mesmo diz que a alma "une em si o finito e o infinito".

Todas essas almas, presas ao corpo, organizando-lhe o desenvolvimento vital são "segmentos" da Alma do mundo que se relaciona unicamente como o Intelecto, já que a Alma é emanção d'Ele. A Alma do mundo não se relaciona unicamente como o Intelecto já que a Alma é emanção d'Ele. A Alma do mundo não se relaciona com a matéria, por isso não possui sensações, raciocínio, memória ou liberdade; a alma tem somente consciência de si e, portanto, de sua ação, que pode ser reduzida a um desdobramento duplo: a) o fato de estar ligada ao Intelecto (= alma sem mistura), o que a torna toda pura; b) o fato de ter que atender às situações de um corpo produzido por ela. Nesse segundo desdobramento, que caracteriza a prisão da alma no corpo, não há a possibilidade da contemplação superior que se dá no primeiro desdobramento. É como se, numa única alma, estivessem presentes duas semi-almas, uma voltada para o alto e a outra, para baixo. Isso permite que reflexos da contemplação da semi-alma voltada para o alto passem para a outra parte, voltada para baixo que, então, desprende-se momentaneamente da matéria e realiza tanto o fenómeno artístico (intuitivo), como o fenómeno do raciocínio (espiritual).

Dessa alma hipolar derivam as almas individuais, que se agrupam por espécie. A individualidade de cada ser é determinada por seu corpo específico. Cada corpo forma uma unidade vivente, que se realiza pelo amor ou pela simpatia.

A alma é sempre ativa; exatamente como o Intelecto do qual ela deriva. Mas há uma diferença entre estes, pois o segundo, além de conter os inteligíveis, está sempre voltado para o Uno, enquanto a primeira (em sua parte prisioneira do corpo), não tendo nada para sustentar-se em si mesma, abandona-se ao desejo e ao amor, cujos estímulos recebe do mundo exterior; por isso, a alma tem em si as imagens desse mundo exterior impelindo-a a agir.

Plotino explica que as almas foram feitas para estarem por completo na Alma do mundo, e não esta dividida, parte em si e parte nos corpos. Infelizmente, diz Plotino, houve uma queda, lá "no início"... e assim, as almas "caíram" da Alma do mundo aos corpos materiais. Este é o ponto mais obscuro da filosofia de Plotino, pois o mesmo omite a causa dessa queda; também não diz se caíram em corpos pré-existentes (o que seria contraditório à ideia de ser a alma a organizar o desenvolvimento dos corpos) ou se caíram na matéria (o que suporia a pré-existência da matéria, não só como princípio lógico, como também ontológico, conforme o queria Platão...).

Certamente, essas almas não caíram devido a eventuais pecados, pois, estando contidas na Alma Universal, ainda não experimentavam o desejo e o amor. Talvez seja melhor interpretar a palavra gnóstica "queda", quando usada por Plotino, como uma necessidade de emanção: a irradiação do Ser que emana do Uno, chegando a seu último limite de propagação, realiza seres sempre mais fracos. Ainda assim, o pensamento de Plotino não fica bem claro, pois haveria contradição entre o conceito de infinito, que é próprio do Uno, e o conceito de término, limite, que é próprio dos últimos seres emanados: mesmo aceitando a "escuridão" que vem em seguida ainda como estando no Uno e pertencendo ao Uno, tem-se a impressão de limites da emanção — e tais limites não ficam esclarecidos.

Em todo caso, essa falta de esclarecimento parece devida ao fato de Plotino estar preocupado em desenvolver a doutrina platônica, mais do que esclarecê-la. Noutras palavras: supõe que seu leitor conheça o platonismo, dispensando maiores explicações. Plotino escreve como se as dúvidas já : estivessem sido esclarecidas; afinal, para Plotino, e para todos os neo-platônicos, a doutrina de Platão é a única que, de certo modo, dá sustentação ao mundo espiritual que está além da matéria.

Nisso tudo, há um fator importante na experiência mística de Plotino; essa experiência mística dava ao filósofo a certeza (vivida) da falsidade do materialismo dos estóicos, assim como da falsidade das doutrinas que faziam da alma o resultado harmônico de um corpo bem estruturado e bem

organizado.

Há, todavia, uma indagação muito séria: como pode a alma, que é divina, devido à emanção que a realiza, estar num corpo que, por ser material, está no ponto final da irradiação da Divindade? Com efeito, a matéria é o último inócuo da emanção, enquanto a alma é o penúltimo momento...

A resposta de Plotino a tal indagação é: embora a alma esteja no corpo, permanece individualizada da essência do corpo; estando no corpo, a alma irradia "um sopro ativo e quente" que o movimenta como um todo. Na verdade, a essência da alma difere da essência do corpo; a alma está no corpo "como a luz e o calor estão no ar". Concluindo, não há indistinção entre alma e corpo. Prova-o observando que a alma não compartilha dos sentimentos físicos e corporais, embora saiba exatamente o que acontece no corpo.

A resposta de Plotino é consequente à doutrina platônica, mas, na realidade, ele não responde à pergunta feita acima — aliás, uma pergunta que ele mesmo se faz. Isso faz supor que a resposta "ad-hoc" tenha sido dada em algum momento de sua vida, e o que está escrito acima represente apenas a justificativa da resposta.

Uma característica da alma humana é de ser ativa — exatamente como a Alma do mundo da qual é um segmento. No entanto, a atividade da alma humana não é produto de impressões sensíveis. As impressões sensíveis modificam somente o corpo, enquanto a atividade da alma é completamente autárquica.

Quanto à memória, Plotino encontra no homem duas memórias: uma, pertencente ao Intelecto; outra, ligada ao corpo, confundindo-se com a imaginação. Esta segunda não é a memória verdadeira: é mais o produto de impressões deixadas no corpo por objetos sensíveis, e depende do corpo.

A segunda memória depende dos sentidos para reconhecer fatos e objetos; portanto, não vê a realidade, mas somente imagens-reflexo da Realidade.

Antes de estar num corpo, quando a alma que virá a ser humana está ainda na Alma universal, não é sujeita a paixões: não tem gostos, nem desejos, não tem dor, nem prazer. Uma vez estando no corpo, parte dessa alma já humana está sujeita às paixões do corpo, perdendo a memória do seu lugar de origem (a Alma universal, o Intelecto, o Uno). Perdendo essa memória, a alma humana quer subsistir por si mesma apoiada nas sensações corporais que surgem sucessivamente ao redor do corpo, e pelas quais se sente atraída e fascinada. Essas sucessões de sensações produzem o dever e, em última análise, o tempo. Desse modo, Plotino explica o fenómeno **tempo e sua origem**.

Outra pergunta que Plotino se faz: o que essa alma, prisioneira num corpo,

tem de próprio? Plotino responde: tem o poder do raciocínio. O intelecto não é discursivo; é unitário, porque é divino. Raciocinar significa trabalhar com ideias abstratas (extraídas das imagens sensíveis), comparando-as, ordenando-as e distinguindo-as, para chegar a uma conclusão. E, pois, sendo a alma, diz Plotino, um intermediário entre o sensível e o inteligível, tem, portanto, o poder do raciocínio.

E finalmente, o último momento da emanção é representado pela matéria, ou seja, pelos corpos, que são o momento final da irradiação do Ser, além dos quais há a "escuridão", isto é, a falta de emanção do Uno. Plotino considera a matéria como o princípio da fragmentação da Unidade, que dá origem à multiplicidade, o que, todavia, não seria possível sem a Unidade na base e no começo de tudo.

A esta altura, tem-se a impressão de que, embora defendendo energicamente a unidade de tudo, Plotino admite um dualismo: uma Unidade e uma multiplicidade. A resposta não é difícil: já condenando a doutrina dos maniqueus, Plotino havia observado que a matéria não é um princípio positivo. Noutras palavras, a matéria é pura potencialidade; uma forma instável e transeunte do Ser; por isso, a matéria é receptiva sucessivamente a todas as formas; portanto, não é algo de positivo (real, instável) por sua natureza. Positivo, estável, é somente o Uno.

Neste sentido, entendemos que o Uno e o múltiplo constituem algo de real somente na percepção de nossa consciência, humana, pois fora desta percepção e dessa dimensão, há somente o domínio do Ser — do Uno.

A matéria é tão somente a forma mutável da última emanção do Ser. Neste sentido, a matéria tem ainda uma ténue ligação com o Uno, que se manifesta através de uma confusa aspiração à Unidade na forma material de coesão e adesão (o inconsciente movimento material para a Unidade).

Portanto, considerando o ser sob o aspecto da unidade, com tendência à multiplicidade, ou sob o aspecto da multiplicidade com tendência à unidade, podemos afirmar que no ser há um duplo movimento, de expansão e de contração, o que nos permite atribuir-lhe o conceito de "fertilidade", pois, no momento mais alto de expansão, o Ser gera sempre novas formas, tornando atual a potencialidade do princípio material. Nesse sentido, o Ser de Plotino é Vida, Força Vital, contínua manifestação evolvente numa pluralidade de seres que emanam da Unidade e são reabsorvidos nesta.

Em sua visão metafísica, não há dualismo, pois o que realmente Plotino propõe é um monismo total. O Uno é a plenitude (πληρωμα) de onde tudo procede, não no sentido de que algo "saia" d'Dele, como o filho "sai" da mãe, mas no sentido de que "Ele se multiplica (παρηννομαι) dentro de si mesmo" em multiplicidades que são manifestações do seu mesmo Ser, embora essas manifestações tenham formas diferentes, limitadas e transeuntes.

Fica assim explicado o sentido de monismo: nada está fora do único Ser.

Fundamenta-se aqui a essência de contemplação que Plotino tanto recomendava a seus discípulos: nem a alma, nem o intelecto individual têm necessidade de sair de si para encontrar o Uno; basta que olhem para o interior de si mesmos e fechem os olhos para o finito, transeunte — o que supõe a mortificação do corpo praticada e recomendada por Plotino.

Da metafísica ploliniana surge uma ética bem diferente daquela dos estoícos, que propunham o suicídio; ou simplesmente a fuga do mundo em que vivemos. Não se trata de fugir do mundo, já que o mundo está dentro de nós; a única coisa a fazer é a conversão pessoal, isto é, uma atividade toda interior da alma. Uma vez reencontrada a unidade interior, todos os demais seres fora de nós aparecerão em sua verdadeira essência: efêmeros quanto à forma, e reais e divinos quanto à essência. O filósofo neo-platônico sabe que tudo é "maya" (ilusão), como lemos na literatura védica, cujos conceitos, afinal, Plotino retoma, numa formulação e numa justificativa perfeitamente adaptadas à mentalidade ocidental.

O "maya", na filosofia de Shánkara, que nos deixou o divino Vedanta, é a ilusão das formas, percebidas por nós a todo instante, em oposição a Brahman, que é a suprema consciência, o Ser único, uno, universal e anônimo, "no qual vivemos, nos movemos e somos" — como diria o poeta latino, e Paulo apóstolo repetiria, confirmando-o.

Viver a interioridade, em unidade com o Uno, é o "êxtase"; Plotino usa esta palavra por melhor exprimir o fim de toda uma vivência filosófica. "Êxtase", ou "ex-tase": estar fora de si, fora de seu costumeiro mundo sensorial. "Êxtase" é um estado de difícil acesso, poucas vezes Plotino usufruiu deste — mas foi o suficiente para saber que seu caminho filosófico estava certo. Plotino não dá grandes explicações do que seja o êxtase; ele o tratava como um fenómeno somente possível de explicação ao iniciado.

Entendemos agora o porquê de sua profunda admiração pela Irmandade Filosófica fundada por Pitágoras: ser filósofo implica não só no uso do intelecto e do raciocínio, mas também em todo um estilo de vida.

O que se passa com a alma num estado de êxtase?

Plotino dá respostas não definitivas nem esclarecedoras. Às vezes, insinua que a alma perde a sua consciência pessoal; às vezes, insinua que a alma retém alguma consciência objetiva, embora de modo confuso. O êxtase, porém, afirma Plotino, é um estado psíquico de breve duração, em que desaparecem as noções de tempo, de espaço e de controle sobre suas emoções. Todavia, é certo, afirma Plotino: quem tem essa experiência, muda por completo, tanto em seu interior como em seu exterior — não só por um dia, mas por muito tempo, pois se torna um homem que vive na eternidade. Por isso, o primeiro efeito do êxtase é o desapego a tudo quanto é pessoal e

material, juntamente com um profundo sentimento de humildade, ou melhor, de sua posição no universo e na escala do ser; quem teve essa experiência não sente desprezo nem de si, nem de ninguém; pelo contrário, sentirá um profundo amor pelas criaturas todas, já que, além dos véus da materialidade corporal, verá a presença da Divindade.

O segundo efeito do êxtase é o contínuo desejo de reencontrar a união ontológica com o Uno. A pessoa que teve essa experiência continuará a trabalhar e a viver no mundo — mas é como se somente o seu corpo trabalhasse e vivesse no mundo, porque seu espírito ficou como que ferido, e somente a volta da Divindade poderá curá-lo e saciá-lo.

O êxtase é ponto final da filosofia de Plotino. Toda a sua filosofia — de forma geral — e toda a sua metafísica — de modo particular — só se justificam pelo fato de fazerem do êxtase o momento mais importante da vida de um homem. Bastam um ou dois êxtases para transformar a vida física, psíquica, intelectual e moral de uma pessoa. E para chegar a tal, Plotino entende ser o único meio a Filosofia.

Filosofia não é Religião!, pois houve alguns autores que, por Plotino tratar do êxtase, queriam apresentar sua filosofia como uma religião. Erro formidável! A única oração de Plotino era a concentração dentro de si para encontrar o intelecto e contemplá-lo, em absoluto silêncio de todos os sentidos. Plotino era avesso a toda e qualquer religião institucionalizada; era contrário a qualquer tipo de sacrifício litúrgico e de manifestações exteriores da religiosidade interior — embora nunca tenha chegado a proibi-los aos seus discípulos. Não há aqui semelhança com o comportamento do Mestre Jesus?

Plotino recomendava aos seus discípulos a mortificação dos sentidos, a fim de dar ao corpo somente o indispensável, propiciando à alma mais liberdade para voar.

É evidente que, na filosofia de Plotino, não há lugar para religião, já que a salvação está "dentro" do filósofo, o qual, uma vez assimilado todo o processo metafísico, inevitavelmente se torna um "iniciado", por ter encontrado a Divindade.

Porfírio nos diz que, por estar em Roma, Plotino praticava os cultos pagãos essenciais, pois os considerava deveres sociais, ou seja, rituais exteriores sem nenhum reflexo interior.

Não podemos deixar de acenar a um ponto importante ao concluir esse breve capítulo sobre a metafísica de Plotino: era ele um idealista? Há realmente trechos das *Enéades*, por exemplo, V.4, que nos ensejam tal pergunta.

Certamente Plotino não era idealista no sentido hegeliano, pois, em momento nenhum, o Intelecto ou o mundo inteligível correspondem ao "Absoluto" de Hegel. Encontramos nas *Enéades* a nítida oposição objetiva

entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido. Do Intelecto emana a Alma do Mundo, chamada de "hipóstase" (pessoa real) e, portanto, diferente do Intelecto. Também as almas individuais de cada pessoa, embora consideradas "segmentos" da Alma Universal, têm cada uma personalidade própria que representa seu modo de ser específico.

E se Plotino não era idealista, era ao menos panteísta?

Tal objeção se fundamenta na concepção metafísica do Uno que "gera" quase obrigatoriamente. Respondemos que não, pois tudo o que emana do Uno, por intermédio do intelecto e da Alma Universal, é composto de essência e de existência. A essência (substância, energia) é necessariamente a essência da Divindade, já que só existe o Uno; mas a existência é sempre algo de efêmero, pois só depende, em última análise, da Ideia ou do Intelecto, e por isso não pode ser eterna, universal e necessária, do mesmo modo que o é a essência. Considerada sob nosso ponto de vista humano, a existência muda ao mudar de forma.

Portanto, se o mundo dos fenômenos é composto de essência e existência, como que de dois princípios metafísicos complementares, significa ser este mesmo mundo dos fenômenos composto; portanto, não é Deus, embora seja divino. Somente o Uno é perfeitamente simples, porque somente n'Ele se dá a coincidência da essência com a existência, isto é, somente Ele é a essência existente.

Ademais, quem trata Plotino como sendo panteísta são alguns filósofos cristãos para os quais somente o conceito cristão de "criação" (em oposição ao de emanção) salvaria Plotino da denominação de panteísta. O conceito cristão de "criação" ("ex nihilo sui et subiecti") é um absurdo filosófico, pois admite que algo possa ser feito, isto é, possa aparecer feito do nada. Tal ideia contraria o axioma filosófico de que "do nada vem nada". Os filósofos cristãos defensores das ideias de criação se equivocam quando consideram Deus como Algo de específico. Há nisso um dualismo dissimulado, como se algo pudesse existir além ou fora de Deus. Se Deus é o único existente, há de se concluir que tudo aquilo que aparece como existindo está "mergulhado" no único Existente e é uma emanção da sua mesma substância ou energia criadora, distinguindo-se d'Ele, todavia, como forma transeunte ao nível da existência, pois suas caducidade, precariedade e morte testemunham que tudo aquilo que existe não possui a existência "in próprio".

9 - A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA DE PLOTINO

A influência da filosofia de Plotino foi muito grande tanto pela profundidade das ideias, como pela santidade de vida com que dava maior lustre a seu pensamento.

Encontramos essa influência em Roma, na Europa Ocidental, e na Europa Oriental.

9.1 - Em Roma

Amélio, o primeiro discípulo de Plotino, é de origem etrusca e chegou a Roma no ano de 246. Depois de ficar cerca de 24 anos com o mestre, foi morar na Síria, onde abriu uma pequena escola de filosofia. Amélio tomava nota das aulas de Plotino quase que diariamente, e depois procurava combinar o pensamento de Plotino com o pensamento de Numério, cujas obras havia lido inúmeras vezes. Por seu ecletismo, Amélio se afastou um pouco da doutrina do mestre, colocando o número 3 em tudo: 3 Intelectos, 3 Demiurgos, 3 Potestades. Acabou perdendo-se num inexplicável jogo cabalístico de números. Em 272, foi condenado à morte, por ordem do Imperador.

Porfírio, só apelidado o Tírio, ou o Fenício, por ter nascido em Batanéia (a Síria dos romanos), em 233. Em 262, veio a Roma, e começou a frequentar a escola de Plotino. Como havia estudado filosofia em Atenas, tornou-se o braço direito do mestre, comentando Aristóteles e Platão e dando lições de lógica aos iniciantes dessa escola.

No ano de 268, estando doente, foi descansar na Sicília a pedido do mesmo Plotino que, em 269, enviou-lhe cinco livros das Enéades. Em 270, Plotino morreu, e dois anos mais tarde, também Amélio. Porfírio viajou para Cartago, na África; mais tarde, voltou a Roma, onde retomou os ensinamentos de Plotino, depois de ter dado a presente forma às Enéades. Em idade avançada, casou-se com a viúva de um seu amigo. Morreu em 298. Antes de conhecer Plotino, havia escrito "As questões homéricas", o "Tratado dos Oráculos" (onde faz a apologia da teurgia) e o "Tratado das imagens dos deuses". Todavia, o escrito mais importante de Porfírio é "A Introdução (εἰσαγωγή) às Categorias de Aristóteles", que foi, sem dúvida, o livro mais estudado na Idade Média.

No ano de 274, Porfírio escreveu "Contra os Cristãos", atacando a religião cristã por entender que esta acabava com todos os antigos e bons valores da cultura grega. Nessa mesma época, escreveu também o "Tratado do retorno da alma a Deus" e uma série de artigos sobre "Os oráculos Caldeus", juntamente com o "Tratado sobre a abstinência da carne dos animais". Sua amizade com Plotino serviu-lhe para esclarecer dúvidas e, sobretudo, para inteirar-se melhor na metafísica.

Supõe-se que os discípulos de Plotino, depois da morte deste, escolheram a Porfírio como o continuador da filosofia do mestre. Nesse novo cargo, Porfírio compôs "Como lançar-se para os Inteligíveis", publicando, ao mesmo tempo, a edição das Enéades.

Em seus escritos, Porfírio raramente acrescenta algo de pessoal aos escritos de Aristóteles, Platão e Plotino, que ele divulgava: justamente nisso que está o seu valor, a fidelidade às ideias dos três grandes mestres.

A única observação que poderíamos fazer às obras de Porfírio é seu estilo muito rebuscado, quando comparado à análise objetiva e seca de Plotino. No entanto, as ideias filosóficas de Porfírio coincidem perfeitamente com as de Plotino: este também distinguia no Ser três graus, o Uno, o Intelecto, a Alma universal.

O Uno contém em si todas as Ideias realizadas e realizáveis neste universo.

A Alma é uma realidade múltipla, mas esta multiplicidade é unificada mediante a harmonia. A Alma do mundo é dual: há nela uma realidade superior que é identificada ao Demiurgo; e uma realidade inferior que é o conjunto de todas as almas individuais. Porfírio admite que as almas individuais tiveram uma queda; porém mesmo "caindo" num corpo, as almas individuais não perdem sua identidade, nem se amalgamam ao corpo, pois tais almas não são matéria. Por isso, a alma está presente com sua vitalidade em todas as mais ínfimas partes do corpo sem, todavia, confundir-se com nenhuma.

No tratado "Como lançar-se para os Inteligíveis", Porfírio repete todos os conceitos de Plotino sobre Deus, sobre a alma e sobre a virtude para alcançar a libertação do corpo e experimentar o êxtase. Devido a isso, esse tratado foi o livro mais lido, por mais de mil anos, por espiritualistas e metafísicos, já que nele fala de "pureza do coração, de honestidade, e de como praticar o bem", juntamente falando de "como praticar o silêncio-interior e exterior mesmo sem fugir do mundo dos afazeres"; fala também da verdadeira religião interior que é a união da alma com Deus. A propósito, numa carta endereçada ao sacerdote egípcio Anebon, Porfírio sustenta que "todas as religiões são expressões da revelação do Divino" - uma ideia que, no ambiente católico, somente foi formulada em 1962 pelo Concílio Vaticano II! Porfírio se pergunta: temos judeus, Brahmanes, magos, Caldeus, Egípcios, Essênios, Zoroastrianos...por que somente os Cristãos são fanáticos e intolerantes? Foi por isso que tanto ele como seu mestre Plotino nunca aceitaram o batismo cristão.

Outros discípulos muito íntimos de Plotino foram: **Castrício**, que professava verdadeira devoção ao mestre; **Marcelo Orôntio** (natural de Oronte, na Síria romana); **Sabino**; **Rogaciano**, o discípulo mais amado, pois, acoitando os conselhos do mestre, deixou o magistério e a própria família para levar uma vida estritamente ascética, a exemplo dos discípulos que formavam o círculo íntimo de Plotino. Mas não havia só homens; Porfírio diz que havia numerosas mulheres que se dedicavam ao estudo da filosofia.

9.2 - No Império Romano do oriente

Também grande foi a influência de Plotino por meio das escolas neoplatônicas.

a - Temos a **Escola Síria** no começo do século IV, cujo maior representante é **Jâmblico**. Jâmblico é discípulo direto de Porfírio, e portanto

o núcleo de suas ideias deriva de Plotino. Sabe-se que morreu no ano de 330 e foi apresentado pelo seu biógrafo Eunápio como um semi-deus. Escreveu vários comentários sobre onze diálogos de Platão e alguns livros sobre Aristóteles. Talvez o livro mais interessante seja o "Conjunto das Doutrinas Pitagóricas", onde faz uma relação da vida de Pitágoras com o comentário a 39 sentenças (αποφνεγμα) deste antigo mestre. É difícil entender como as obras de Jâmblico tenham sido lidas até o século passado. Talvez porque era mais um teólogo-místico do que propriamente um filósofo, e talvez porque, no século XIX, temos o grande renascimento das Ordens Esotéricas e Místicas. Com efeito, escreveu muito sobre a teurgia, ou seja, sobre a virtude mágica dos ritos e das fórmulas propiciatórias. Temos longos trechos disso nos escritos de Damáscio (480-520), neo-platônico da Escola de Atenas. Neles, encontramos os seguintes títulos de livros — "Tratado dos deuses"; "Tratado da Alma"; "Sobre as imagens dos deuses; sobre os mitos e as purificações da alma". A tese de Jâmblico: nosso pensamento não pode mover a Divindade, já que o imperfeito não pode agir sobre o perfeito; todavia, temos símbolos e fórmulas que a própria Divindade nos sugeriu: por meio de símbolos e de fórmulas a Divindade aceita agir e de fato age.

b - Temos, depois, a **Escola de Pergamo**, com **Edísio** de Capadócia.

c - Temos a **Escola neo-platônica de Alexandria**, famosa porque levada à frente por uma mulher, Hipázia, extremamente fiel às doutrinas de Plotino e Jâmblico e que, no ano de 415, foi vítima do fanatismo dos cristãos instigados pelo intolerante bispo Cirilo.

d - Temos, finalmente, a **Escola de Atenas**, com **Plutarco**, **Hiérocles**, **Sinésio de Cirene**, **Proclo**, com todos os seus inúmeros discípulos, **Hérmias**, **Ammonius**, **Asclepiodote**, **Marinus** e **Damáscius**, todos filósofos de um certo valor, embora o mais conhecido seja Damáscius, por ter tido discípulos famosos como **Simplicius**, **Asclépius**, **Teódoto** e **Filopon**.

A Escola de Atenas era um verdadeiro centro de cultura e de filosofia neo-platônica. Por isso foi fechada no ano de 529 pelo Imperador Justiniano, devido à instigação de bispos cristãos.

Em Atenas, houve disputas acirradas entre neo-platônicos e cristãos. A despeito disso, Sinésio, discípulo de Hipázia de Alexandria, conseguiu introduzir o neo-platonismo no cristianismo como tentativa de explicar o dogma trinitário cristão. Mais tarde, Sinésio foi feito bispo, e foi certamente nesta posição que conseguiu levar à frente a sua ideia.

Porém, o mais ilustre representante da Escola de Atenas foi, sem dúvida, **Proclo**.

Proclo nasceu em Constantinopla em 412 (142 anos depois da morte de Plotino) e morreu em Atenas em 485. Foi discípulo de Olímpodoro, "o jovem", da Escola de Alexandria; e foi dele que absorveu as ideias de Plotino.

Era apelidado "Proclo, o grande" e também "Proclo, o atleta", pelo rigor lógico e pela sutileza de suas argumentações. Sua vida nos foi narrada pelo filósofo Marino, que o sucedeu na direção da Escola. Proclo, na idade de 28 anos, quis iniciar-se nos cultos orientais para "melhor dirigir a Escola de Atenas". O seu biógrafo nos diz que seu estilo de vida era em tudo igual ao de seu mestre Plotino: levava uma vida de monge; dormia pouco e sempre no chão; nunca comia carne; era alheio à vida e às glórias sociais. Era constantemente bondoso e caridoso. O único ponto em que diferenciava de Plotino era no fato de ser extremamente religioso: conhecia o modo de cultuar todos os deuses e celebrava seus rituais, tendo-se tornado sacerdote de todas as religiões (à exceção da religião cristã), já que havia sido "iniciado" em todos os "mistérios". Detestava o cristianismo e o judaísmo, tanto por sua rigidez de princípios como por sua filosofia (nenhum plotiniano aceita o conceito cristão de criação ou de pecado original). Era apaixonado admirador de Jâmblico e, como ele, conhecia todos os segredos teúrgicos.

Proclo escreveu vários comentários a "Parmênides", a "Protágoras", a "Timeo", à "República". De uma certa importância são os livros "A Instituição Teológica" e "A Teologia dos Estóicos". Curiosamente, o comentário a "Parmênides" e à "Instituição Teológica" foram redigidos "more geométrico" (exatamente como em 1677 Spinoza, grande admirador e discípulo de Plotino, escreverá a sua "Ética, more geométrico demonstrata") em que sintetiza toda a metafísica neo-platônica plotiniana — aliás, muito mais plotiniana do que platônica.

Somente no estilo Proclo diferencia de seu mestre: Plotino é seco, tanto na análise como na síntese; Proclo é prolixo e cheio de formalismos. Apesar disso, seu tratado "Instituição Teológica" tornou-se uma das fontes principais do pensamento místico tanto medieval como moderno: de São Máximo, o confessor (580-662), São João Damasceno (morreu em 749), São Dionísio, o Pequeno (morreu em 540), dos teóricos e místicos da Renascença, aos discípulos de Hegel... podemos encontrar toda a influência de Proclo, o fiel discípulo de Plotino.

Em filosofia, Proclo, como Plotino, parte do Uno, considerado a causa primária — cuja existência é mais intuída do que provada, pelo simples fato de que o Universal não pode ser conhecido nem demonstrado. Do Uno emana uma multiplicidade de Divindades intermediárias entre o Uno e o mundo do Intelecto, que Proclo distingue em "Intelectual" (o Intelecto em si), em "Inteligível" (o Ser) e em "Inteligível-Intelectual" (a Vida). Cada um dos seres vivos é também subdividido em fases diferentes, a cada uma das quais correspondendo uma divindade da religião popular.

A Alma é uma outra emanção, sendo subdivida em "Alma divina", "alma demoníaca" (αποφύεγμα, gênio, poder divino) e alma humana. A Alma divina e a Alma "demoníaca", são também diferenciadas em ulteriores tipos, a cada um dos quais corresponde uma divindade da religião popular. A Alma

humana possui todas as faculdades admitidas por Platão e Aristóteles, e além disso possui um princípio superior a que Proclo chama "Uno-na-alma". Para alcançar o êxtase, deve-se conseguir a união com esse "Uno-na-alma".

Talvez a influência de Proclo tenha-se estendido à Escolástica muçulmana (além da Escolástica cristã da Idade Média), pois, naquelas escolas, lia-se (traduzido para o árabe) o "Liber de Causis", um resumo do livro "Institutio Theologica".

9.3 - Os Padres da Igreja

Apesar de muitos neo-platônicos terem combatido o cristianismo no campo da filosofia, e vice-versa, nos padres da Igreja cristã encontramos claramente a influência de Plotino e dos neo-platônicos.

Já falamos em **Orígenes** (184-263); os outros padres são: **Gregório Nazianzeno** (329-389); **Basílio de Cesaréia** (330-379); **Gregório Nisseno** (335-394); o **Pseudo Dionísio** ou **Pseudo Aeropagita** (532-?); e **João Damasceno** (morto em 749) — todos eles considerados santos pelas igrejas cristãs orientais. (Do grande Agostinho, bispo de Ipona, na África, falaremos aparte).

Esses padres estruturaram a primitiva doutrina da Igreja servindo-se do enfoque e às vezes até de conceitos neo-platônicos plotinianos. Com efeito, o neo-platonismo era a filosofia que mais se aproximava das ideias teológicas cristãs. Lembremos algumas: .

O conceito de Demiurgo; o conceito de Deus- providência; a distinção entre os mundos material e espiritual; o conceito de alma espiritual, iluminada por Deus, e feita para a imortalidade; a recompensa da vida eterna; o dogma Trinitário: o Pai (o princípio divino que atua sobre a marcha geral de tudo o que existe); o Filho (o "Nous", ou a Inteligência do Pai) e o Espírito Santo (a Alma do mundo).

9.4 - No Ocidente

No ocidente encontramos o maior dentre todos os padres da Igreja cristã: **Santo Agostinho**, que nasceu a 13 de novembro de 354 em Tagaste, na África romana (a atual Argélia), e morreu a 28 de agosto de 430 em Hipona, pouco longe de Tagaste. Levou uma vida de estudos, embora muito desregrada, até aos 32 anos de idade, quando se converteu ao cristianismo. A leitura de "Hortensius", de Cícero, despertou-o para a filosofia. O neo-platonismo de Plotino foi para ele como que a revelação de um mundo espiritual centralizado em Deus como fonte de todo o bem e, sobretudo, como **única** realidade.

Além do célebre livro "As Confissões" de sua vida, uma mescla de lembranças, orações e profundas reflexões filosóficas, Santo Agostinho

escreveu "A Cidade de Deus", que representa o primeiro tratado de filosofia da História. Escreveu também "Sobre a Trindade", um Tratado teológico-filosófico, que por mais de mil anos ficará como o elemento norteador do cristianismo, e será ainda muito estudado, mesmo depois que Santo Tomás de Aquino escreverá a sua "Summa Theologica".

Santo Agostinho, em suas exposições filosóficas e teológicas, utiliza uma metodologia e um conteúdo nitidamente neo-platônicos plotinianos. O filósofo adota a concepção de Plotino a qual diz ser o homem uma alma que se serve de um corpo, embora o transcenda, por ser esta uma "centelha da Divindade". Os objetos, os corpos contingentes e particulares, são-nos revelados pelas sensações; mas o verdadeiro conhecimento nos é dado pela alma, pois é esta que encontra em si mesma o universal, o necessário e o puramente inteligível como, por exemplo, as verdades matemáticas. O raciocínio de Agostinho resume-se em: se o homem que é mutável e perecível, contém em si verdades eternas; logo, "a razão humana deve ter um conteúdo que ultrapassa a própria razão". Tal conteúdo de verdades eternas somente pode provir de Deus, que é imanente e transcendente ao pensamento. Assim, Agostinho conclui que Deus só pode ser descoberto e encontrado no nosso interior através de um processo que conduz do exterior ao interior. Mas, o que é Deus? Agostinho responde (na esteira de Plotino): Ele é a plenitude da essência, ou da substância, ou do Ser; é o Ser Total. Tanto a metafísica, como a antropologia de Agostinho, reassumem, desenvolvem ou repetem os grandes princípios de Plotino. A filosofia de Agostinho difere ligeiramente daquela de Plotino quanto à condição da alma no corpo. Agostinho julga não ser o corpo aquele que aprisiona a alma, mas o pecado do corpo aprisiona a alma do corpo, do qual o homem poderá libertar-se (como Plotino ensinava) mediante a mortificação e a penitência. A filosofia e a teologia de Agostinho reaparecerão com Lutero e, sobretudo, com Calvino e com os Jansenistas.

Severino Boécio (440 - 525) é outro filósofo neo-platônico que, na prisão, escreveu seu famoso livro: "Sobre a Consolação da Filosofia". Para ele, a Ideia (platônica) é a realidade que corresponde aos "universais", isto é, às ideias gerais, que também são o Sumo Bem.

Scotus Erígena (810 - ?) comentou os "Opúsculos Teológicos" de Severino Boécio, e escreveu, dentre outras obras, "A divisão da Natureza", um livro de clara tendência neo-platônica. Partindo da ideia que Santo Agostinho consignou em "A Cidade de Deus" (V.9), Scotus Erígena divide a Natureza em quatro partes:

- a. a Natureza que cria e não é criada e, portanto, é causa de tudo aquilo que existe;
- b. a Natureza criada que cria, que é o conjunto das causas primordiais;
- c. a Natureza criada que não cria: é o conjunto de tudo o que surge no espaço e no tempo;

d. a Natureza que é o mesmo Deus enquanto fim último de tudo o que foi criado.

Há um movimento circular, que emana de Deus e volta a Deus, no qual tudo pára e descansa. A Vida Divina "sai" de si, realizando as coisas, isto é, as manifestações de si, e, através dessas manifestações, volta a si, no seu ponto de origem. Há, portanto, a ideia clara de que o mundo é a manifestação de Deus; aliás, é, de certo modo, o próprio Deus, uma vez que na Divindade não pode haver distinção entre a essência e sua ação. Scotus, porém, afirma que o mundo não é o próprio Deus, uma vez que, criando o mundo desde toda a eternidade, Deus permanece "acima" do mundo (ao menos logicamente).

Outros neo-platônicos são: **Marsílio Ficino** (1433-1499), cuja principal obra, "Theologia Platônica", escrita em 1492, é a tentativa de conciliar o neo-platonismo com o cristianismo; **Nicolau de Cusa** (1401-1464); **Giordano Bruno** (1548-1600); **Malebranche** (1638-1715); na Escola de Chartres, **Bernardo de Chartres** (morto em 1130), chamado "o mais perfeito neo-platônico do nosso século"; **Schelling** (1775-1854); e o grande filósofo **Hegel** (1770-1831).

10. PONTOS DE CONTATO ENTRE A FILOSOFIA DE PLOTINO E A FILOSOFIA DA ORDEM ROSACRUZ (AMORC)

Há muitos pontos de contato entre a filosofia de Plotino e a filosofia da AMORC (Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis).

Primeiramente, quanto ao conceito de Deus:

Plotino ensina que existe uma causa ou origem de todos os seres. Desenvolvendo as ideias de Pitágoras, chamou a esta causa de Uno, pois como a unidade é o princípio dos números, assim a primeira causa (a causa não causada) da qual procede a multiplicidade dos seres, deve necessariamente ser "um" por essência, isto é, uma unidade perfeita, absoluta, subsistente. Lemos na Enéade-V, 4.1: "Deve necessariamente existir algo que seja anterior a tudo; algo que exista por si próprio; algo que seja transcendente a todas as coisas existentes, mas que, todavia, esteja imanente, de alguma forma, em todas essas coisas existentes. (...) É o Uno, que não pode ser concebido pelo intelecto, nem percebido pelos sentidos, pois está além de toda essência".

Apesar disso, porém, Plotino achava que por serem as coisas e os seres feitos da essência de Deus, o homem podia descobrir a Deus no seu coração e então alcançar o êxtase de que já havia anteriormente falado.

No "Manual Rosacruz-AMORC" (editado pela AMORC, Curitiba, Paraná) encontramos no verbete "Deus" a seguinte explicação: "Para os Rosacruzes, existe apenas um Deus sempiterno, onipresente, ilimitado, e sem forma definida de manifestação", mas que, todavia, "mais cedo ou mais tarde

² Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

se manifestará na singular intimidade do nosso interior". Por esse motivo, apesar de ser Deus uma realidade objetiva, é, para o homem, uma experiência subjetiva. Por isso o Rosacruz diz: "Deus do meu coração; Deus da minha compreensão".

Em segundo lugar, quanto ao conceito de "Nous":

O Uno, diz Plotino, pensa — não no sentido humano, onde há um sujeito que pensa algo diferente de si; mas no sentido que, pensando-se a si mesmo (pois só Ele existe), contempla a infinita possibilidade de tudo que o Uno pode ser e realmente o é. É assim que o Uno engendra (o verbo é extraído do vocabulário humano e, portanto, incompleto) desde toda a eternidade, o "Nous" que, em língua grega, significa "inteligência", "pensamento" e até "projeto de realização". O "Nous" torna-se, assim, o segundo princípio que, por ter sua origem imediata no Uno, é o mais perfeito de todas as sucessivas realizações. O "Nous" contempla no Uno as ideias de todos os seres possíveis. (Neste ponto, Plotino corrige Platão, o qual considera as ideias como algo de subsistente por si próprio; é também nesse ponto que Plotino influenciará a doutrina trinitária da Igreja Católica, quando no Concílio de Niceia, em 325 d.C, triunfará a tese de Atanásio, bispo de Alexandria, sobre a doutrina de Ário).

O "Nous", ou "Inteligência", irradia de si a Alma do mundo, causa produtora de todas as coisas. Temos, assim, um Princípio, fonte de toda a vida, o Uno (no cristianismo, chamado "Pai"); depois, temos um projeto de vida a ser realizado nos seres possíveis — projeto que só pode ter o aspecto de inteligência, "Nous" (no cristianismo, chamado "Filho", ou "Inteligência do Pai"); em terceiro lugar, temos a Alma do mundo, procedente de "Nous" e do Uno, a força realizadora das coisas que "Nous" contempla como possíveis no Uno (no cristianismo, o "Espírito Santo", procedente do Pai e do Filho: "qui ex Patre Filioque procedit").

A Alma do mundo outra coisa não é senão o Demiurgo de Platão: o princípio que produz todas as almas, tanto dos seres materiais como dos seres sensíveis.

No referido Manual Rosacruz, nota-se a concordância, em sua essência, com esses conceitos, ampliando-os e explicitando-os. Assim, concorda-se com a origem de "Nous", acrescentando-se que possui (como, de resto, não poderia não ser, pois o próprio Uno é atualidade infinita e potencialidade infinita) "polaridade positiva e negativa manifestando-a em vibrações de vários graus de velocidade que, sob determinadas condições e obedecendo aos preceitos da lei natural, estabelecem o mundo das formas — sejam estas visíveis ou invisíveis".

Assim, Nous é a essência da qual provém toda a criação.(...) "Nous", em linguagem mais compreensível, pode ser considerado como uma combinação de Força Vital e Consciência Cósmica, partindo da Fonte (isto é, do Uno) em direção à Terra "e, evidentemente, ao universo inteiro". Assim, a filosofia

Rosacruz, não negando o pensamento de Plotino, complementa-o, mediante as velhas intuições de Empédocles e de Anaxágoras, apresentando o Princípio eterno, o Uno, do qual emana o "Nous", ou Mente divina, que dirige e cria o universo material; e, pois, sendo o "Nous" necessariamente bipolar, dele procederão a polaridade positiva, ou Força Vital, com as almas e as consciências, e a polaridade negativa, chamada de Espírito (a energia que dará início aos elétrons, átomos e moléculas e, mais tarde, aos sólidos, líquidos e gases, e, finalmente, ao ar, à água, à terra e ao fogo) .Tanto para Plotino como para a Filosofia da AMORC, a matéria é o último limite até onde chegam as possibilidades da Alma do mundo. Esse é o motivo pelo qual tudo tem alma; almas com diferentes faculdades, evidentemente, mas essencialmente almas. E como tudo tem alma, os estudantes da AMORC aprendem desde cedo a dominar a matéria e os corpos agindo sobre a alma destes.

O terceiro ponto de contato entre a AMORC e Plotino reside no conceito de alma humana.

Para Plotino, como para a filosofia da AMORC, a alma humana é um "segmento" da Alma do mundo dentro de um corpo humano. Por isso, mesmo no corpo humano, a alma humana nunca deixa de ser parte da Alma do mundo, ou Alma universal, "do mesmo modo, diz o referido Manual Rosacruz, que a eletricidade, em uma série de lâmpadas elétricas de um circuito, não é uma porção separada da eletricidade sem ligação com a corrente que flui através de todas as lâmpadas".

Depois da morte, a alma volta ao mundo inteligível, e em seguida, novamente a algum corpo, diz Plotino.

Igualmente, nos ensinamentos da AMORC, lê-se que com a morte, a alma volta à Alma Universal, aguardando o momento oportuno para reencarnar.

Tanto para Plotino como para a AMORC, a reencarnação tem a finalidade de uma maior purificação; mas os ensinamentos da AMORC desenvolvem Plotino acrescentando que estas sucessivas purificações não afetam a alma, pois que, em si, é divina e pura, e sim a personalidade da alma, isto é, seu modo de ser e manifestar-se quando num corpo humano.

Num outro ponto, os ensinamentos da AMORC reinterpretem Plotino: as sucessivas reencarnações têm a finalidade de aperfeiçoar a personalidade-alma, por isso "a personalidade jamais retroage ou penetra no corpo de animais inferiores; a reencarnação não deve ser confundida com a transmigração" (Manual Rosacruz).

O quarto ponto de contato entre a AMORC e Plotino está no conceito do mal.

Ouanto ao conceito do mal, a filosofia da AMORC desenvolve a ideia de Plotino, o qual considera a matéria como origem, fundamento e causa do mal.

11. POR QUE A FILOSOFIA DE PLOTINO FOI TÃO COMBATIDA ?

Por mil anos, e até mais, os grandes pensadores do mundo que emergiu das cinzas do Império Romano eram neo-platônicos. Além disso, também os irrandes pensadores cristãos foram, em sua maioria, neo-platônicos, até o século XIII, quando Santo Tomás de Aquino lançou o arisotelismo. Ainda assim, o mundo dos pensadores permanecia platônico.

Todavia, a teologia eclesiástica cristã tornou-se fundamentalmente aristotélica, porque o arisotelismo conseguiu dar forma e expressão às correntes de pensamento que, embora pequenas, existiam dentro da Igreja; correntes que davam ênfase à situação política e terrena dos eclesiásticos. Nessa afirmativa estão contidas as duas causas principais que marcam o fim do neo-platonismo num mundo já cristão (pelo menos por decreto oficial).

Primeiro, o neo-platonismo, quer como especulação, quer como vivência, nunca deixou de responder a uma ideologia mística que tem suas raízes e fundamentos no plano espiritual, com evidente desprezo pelas realidades materiais deste mundo. Por isto, os neo-platônicos foram sempre tratados como sonhadores e idealistas.

De fato, os neo-platônicos representam uma elite numa massa ainda presa aos interesses terrenos. Os eclesiásticos entendiam que a Igreja cristã, não sendo feita para espiritualistas, e sim para a "massa pecadora", não podia apoiar-se numa filosofia que lhe seria de pouca utilidade. As correntes eclesiásticas que começaram a surgir na Igreja, a partir do terceiro século, '«oram assumindo sempre mais a organização, o juridismo e a ideologia de autoridade e obediência, características do Império Romano. Grande parte dos eclesiásticos, em primeiro lugar, eram "romanos", e, somente em segundo lugar, eram cristãos, isto significava que só num segundo momento eram espiritualistas.

Pessoas assim não podiam ser neo-platônicas, pois as ideias neo-platônicas não são organizáveis, e muito menos burocratizáveis!

Para não sucumbir às heresias que explodiam de todos os cantos, a igreja cristã tinha necessidade de organizar-se: a partir do fim do século II, deixou de ser elite espiritual; já era massa, e massa popular, pecadora. Portanto, ou a igreja se organizava segundo o costume disciplinar romano, isto é, burocratizando-se, ou sucumbiria. Assim, organizou-se e burocratizou-se, reduzindo sempre mais a doutrina e a influência neo-platônicas, até os séculos XIII-XIV, quando abandonou oficialmente o neo-platonismo com seu espiritualismo e universalismo indefinidos, para aceitar o arisotelismo, escudando-se em suas formas estáveis, que mais se afinavam com o culto da letra e com a realidade política e material da vida humana.

A partir de então, qualquer "heresia", isto é, qualquer ideologia ou prática da vida cristã diferente do oficialmente estabelecido, tornava-se "pecado grave" para a Igreja e crime para o poder civil. (Foi o aristotelismo que possibilitou a Inquisição).

Porém, havia motivo mais profundo para que os eclesiásticos tentassem destruir o neo-platonismo. Pois que este fazia da alma de cada homem uma emanção da Divindade. Se o homem se distingue dos animais pela alma, e se a alma é um "segmento" da Divindade, resultava daí que a alma é divina, dispensando, portanto, o batismo ou os sacramentos para sua purificação. Isto significava a exclusão dos eclesiásticos na tarefa da "salvação".

O neo-platonismo facultava a cada homem o acesso direto a Deus; aliás, Deus já está no homem, o qual, por conseguinte, pode descobrir por si mesmo o caminho para Deus, sem nenhum intermediário ou sacerdote.

Definir a ideologia da igreja era questão de vida ou morte para a hierarquia eclesiástica. Porém, a partir do momento em que Clemente, bispo de Roma, proclama em sua "Epístola" que o presbiterado e o clero "são anteriores" ao povo cristão, era evidente que estava selado o fim do neo-platonismo. A Igreja de Roma era, então, a Igreja da ordem, da subordinação (como Jesus, subordinado e obediente à vontade do Pai), e da lei jurídica. Não havia meio de incorporar um neo-platonismo místico, espiritual, universal àquela estrutura. Desse modo, a Igreja de Roma preparou as premissas para a morte oficial do neo-platonismo, que acontecerá nos séculos XIII-XIV.

Como condenar de todo a ação dos eclesiásticos romanos? A partir do século V, há uma série de invasões de bárbaros: alemães, suecos, gauleses, godos, hunos, vândalos, ostrogodos, e muitos outros... transformando o Império Romano em caos, desordem e selvageria. A única grande força que ainda se mantinha era a organização dos eclesiásticos e suas igrejas. Nessa situação confusa não havia campo para o neo-platonismo...

A Igreja cristã se salvou porque tomou por lema a palavra "Disciplina", negando qualquer liberdade tanto teórica como vivencial. Foi com a força de sua presença e de sua majestade, e não com a filosofia e com a especulação, que a Igreja converteu os bárbaros invasores, que, então, tornavam-se cristãos. Mas a que grupo pertenciam as pessoas que nessa época, formavam a maioria da cristandade?

Eram bárbaros que não sabiam ler nem escrever, e não tinham ideias, nem mesmo confusas, acerca de Deus, de salvação, da alma e de outras verdades.

Para esses adultos-crianças, sempre prontos a roubar e a matar (mesmo depois de batizados...), a única filosofia possível era "Disciplina e Obediência". Nesse ambiente, o individualismo aristotélico, com sua índole bem terrena, foi o golpe de graça para a existência oficial do neo-platonismo.

Uma volta ao neo-platonismo certamente aconteceu com Lutero, Calvino e Zwinglio, quando enunciaram o princípio básico da possibilidade de acesso direto do homem a Deus, sem passar pelos eclesiásticos. Mas seus discípulos não levaram esse princípio filosófico até às últimas consequências, pois limitaram-se a substituir a autoridade eclesiástica pela autoridade da Bíblia.

Apesar disso, temos que reconhecer o grande mérito do neo-platonismo no vislumbrar o homem do futuro, aquele que se guia pela luz interior, aquele cuja consciência humana é o reflexo claro da consciência divina, pois no dia em que o homem for espiritualmente adulto, não haverá necessidade de autoridade alguma para dizer-lhe o que fazer.

Plotino, dando sua contribuição para o amadurecimento espiritual da humanidade, legou a esta sua singular forma de vida, material e espiritual — humana.

*Vitória - ES,
outono de 1990*

CARLO BÚSSOLA



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>